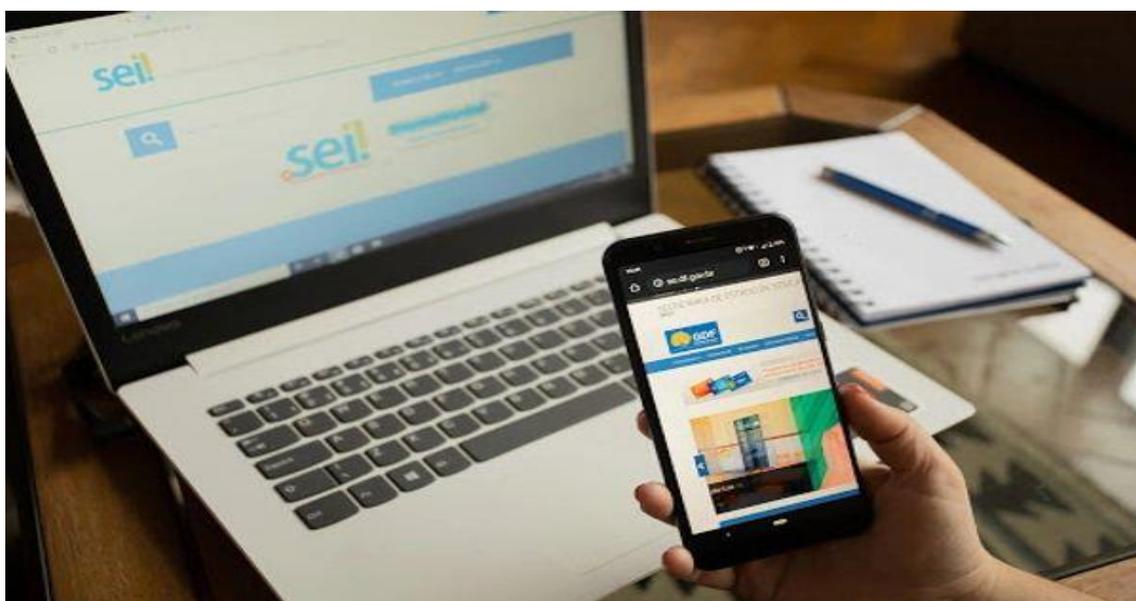




RELATÓRIO DA PESQUISA
CONDIÇÕES DE TRABALHO REMOTO E SAÚDE
DOS/AS DOCENTES DA UFCG
AVALIAÇÃO DO PERÍODO DO RAE – SEMESTRE 2020.3



CAMPINA GRANDE

MAIO DE 2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
METODOLOGIA DA PESQUISA	5
AGRADECIMENTOS	7
1. Caracterização dos respondentes	8
1.1 Figuras	8
2. As condições individuais no contexto da pandemia	11
2.1 Figuras	12
3. Decisões da universidade sobre o RAE	14
3.1 Figuras	15
4. Condições gerais do trabalho remoto	17
4.1 Análise dos depoimentos	18
4.2 Figuras	21
5. Reflexos do trabalho remoto na saúde dos docentes	23
5.1 Análise dos depoimentos	24
5.2 Figuras	27
6. Cotidiano do ensino remoto no RAE	29
6.1 Análise dos depoimentos	30
6.2 Figuras	33
7. Impactos institucionais do uso de novas tecnologias de informação e comunicação no trabalho docente na universidade	35
7.1 Análise dos depoimentos	38
8. Expectativas em relação à continuidade do semestre/ano letivo em contexto de pandemia	41
8.1 Figuras	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Com a chegada do novo coronavírus ao Brasil, a partir de março de 2020, iniciou-se uma crise sanitária sem precedentes e uma intensificação da crise social, política, econômica e humanitária, que atingiu principalmente as pessoas pobres, negras, trabalhadores(as) informais e mulheres, ou seja, as pessoas em situação de maior vulnerabilidade. A pandemia impactou fortemente o país que já se encontrava em crise, antes da chegada do vírus, pelos retrocessos provocados em decorrência da aprovação da Emenda Constitucional 95, realizada pelo governo Temer, em 2017, que congelou os gastos públicos em várias áreas sociais por 20 anos; da Terceirização irrestrita, para todas as atividades do setor público e privado; bem como da aprovação da Reforma Trabalhista, que alterou mais de 100 artigos da CLT e regulamentou “novas” formas de trabalho precário como é o caso do trabalho intermitente e do teletrabalho, da prevalência do negociado sobre o legislado, que têm impactado a vida da classe trabalhadora, impondo grandes desafios aos Sindicatos nas ações e negociações coletivas.

Dessa forma, além dos riscos de contaminação e de morte pela Covid-19, que já matou, até o início de maio de 2021 mais de 430 mil brasileiros(as), temos também um amplo crescimento no número de desempregados(as), de desalentados, da pobreza e exclusão social, ou seja, temos um aprofundamento das desigualdades sociais estruturantes da sociedade capitalista, com acentuado recorte de classe, gênero e raça.

Diante do cenário pandêmico, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no mês de março de 2020, adotou medidas de distanciamento social que previam a suspensão das atividades de trabalhos consideradas não essenciais à sobrevivência, tais como: fechamento de teatros, cinemas, academias de ginástica, feiras, creches, escolas e universidades. Na UFCG, não foi diferente, e as aulas relativas ao semestre 2020.1, que estavam em andamento, foram suspensas no dia 18 de março de 2020. Com isso, houve uma grande perplexidade, que atingiu a toda a comunidade universitária e a sociedade civil em geral, uma vez que ninguém sabia ao certo como proceder devido ao medo e às incertezas geradas pela pandemia, que se alastrava cada vez mais no Brasil e no mundo.

Durante os meses de abril a agosto de 2020, houve inúmeras reuniões de área, assembleias nas unidades acadêmicas e na ADUFCG, que pautaram discussões acerca do que poderia ser feito para enfrentar a situação de crise sanitária. Enquanto os setores ligados à administração central buscavam elaborar, de forma vertical, uma resolução que permitisse a retomada das atividades letivas, parte da comunidade universitária adotou uma postura crítica e elaborou propostas para colocar a universidade à serviço do povo no combate à pandemia.

Nesse sentido, além de uma proposta alternativa para a continuidade do semestre com base em atividades complementares (Regime Acadêmico Complementar Temporário - RACT), também houve o desenvolvimento de projetos e estratégias para dirimir os efeitos da pandemia, tendo sido criado o Coletivo UFCG do Povo, uma iniciativa que reuniu docentes, discentes e servidores técnico-administrativos e que construiu uma programação de atividades e debates acerca da conjuntura e dos desafios da educação nesse período de crise econômica, social e sanitária agravada. Também foram feitas discussões¹ acerca do Regime Acadêmico Extraordinário (RAE), o qual foi aprovado verticalmente, sem considerar as propostas da comunidade, exigindo um planejamento específico por parte dos/as docentes, através da elaboração de Planos Acadêmicos de Ensino Remoto-PAER, que incluía a possibilidade de aulas síncronas e assíncronas nas disciplinas do semestre extraordinário 2020.3, bem como o planejamento de outras atividades virtuais, a exemplo de jornadas, seminários, minicursos, *lives*, webinários, entre outras atividades e eventos possíveis de serem realizadas de forma virtual.

O semestre extraordinário (2020.3/2020.0) teve início no dia 01 de setembro e terminou no dia 14 de dezembro de 2020. Durante este período, foram grandes os desafios enfrentados por toda a comunidade universitária, ou seja, pelos docentes, discentes, técnicos administrativos e trabalhadores que prestam serviços como terceirizados/as na UFCG. Além dos desafios enfrentados pela implantação do ensino remoto, foi desgastante o fato de termos, de repente, que lidar com ferramentas digitais que muitos ainda não conheciam. Isso somado ao fato de que a qualquer momento também poderíamos ser contaminados/as pelo novo coronavírus, o que gerou grande medo e ansiedade, fazendo com que muitas pessoas desenvolvessem sérios problemas de saúde, tanto físicos quanto emocionais.

Diante desse cenário de crise, a diretoria da ADUFCG convidou docentes interessados/as em participar de um GT para estudos, discussões e realização de pesquisa com docentes da UFCG. O objetivo principal da pesquisa foi conhecer e analisar as condições de trabalho remoto e de saúde dos docentes, durante o período extraordinário 2020.3. Assim, foram realizadas algumas reuniões para planejamento e elaboração do instrumento metodológico a ser adotado no levantamento de dados e informações.

¹ Todas essas discussões estão disponíveis no canal da ADUFCG no Youtube:
<https://www.youtube.com/user/Adufcg1/videos>

Essa pesquisa justificou-se pela necessidade de conhecer mais de perto a realidade enfrentada no cotidiano de trabalho dos docentes da UFCG, tendo em vista que a mudança para o trabalho remoto/*home office* (em casa) impactou significativamente a vida dos/as docentes, uma vez que as atividades de trabalho produtivo e reprodutivo passaram a conviver mutuamente, intensificando significativamente a carga horária de trabalho, sem possibilidade de momentos de lazer. Neste processo, verifica-se que as mulheres foram as mais atingidas pela intensificação da jornada de trabalho relacionado ao “cuidado” da casa, dos filhos e demais familiares, tendo que arcar com uma carga emocional, psíquica e física muito maior do que os homens.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Para atender aos objetivos da pesquisa, elaboramos um questionário com 46 questões qualitativas e quantitativas. Para elaboração do questionário, consultamos pesquisas que já haviam sido realizadas por outras instituições de ensino superior, a exemplo da pesquisa realizada pela ADUNICAMP e da pesquisa coordenada pela Profa. Maria Aparecida Bridi, da Universidade Federal do Paraná. Nesta etapa de elaboração do instrumento metodológico, participaram do GT os/as seguintes docentes: Élvia Lane Araújo do Nascimento, Lemuel Dourado Guerra, Luciana Leandro da Silva, Raimundo Nonato Duarte, Ramonildes Alves Gomes e Roseli de Fátima Corteletti.

Em seguida, criamos foi criado o formulário no *Google Forms* com as perguntas e foi realizada a divulgação da pesquisa nas redes sociais, como: E-mails, *WhatsApp*, *Facebook* e através dos contatos individuais dos/as coordenadores/as da pesquisa. O período para coleta dos dados foi de 14 de dezembro/2020 a 31 de janeiro/2021. Obtivemos um total de 135 respostas, sendo que 131 docentes responderam de forma completa ao instrumento, portanto esse foi o número de respostas analisadas. Os docentes respondentes, entre filiados e não filiados à ADUFCG, representam um percentual próximo a 10% da população total de docentes da UFCG.

O questionário foi elaborado com as seguintes seções: 1) Caracterização do respondente; 2) Condições individuais no contexto da pandemia; 3) Decisões da universidade sobre o trabalho remoto - RAE; 4) Condições gerais de trabalho remoto dos/as docentes; 5) Reflexos do trabalho remoto na saúde dos/as docentes; 6) Cotidiano do ensino remoto no RAE; 7) Impactos institucionais do uso de novas tecnologias de informação e comunicação no trabalho

docente na universidade; e 8) Expectativas em relação à continuidade do semestre/ano letivo em contexto de pandemia.

Cabe salientar que, estatisticamente, definimos a pesquisa como *mostra não aleatória*. De acordo com o estatístico Barbetta (1994), as amostras não aleatórias são indicadas quando existem dificuldades de acesso na população total da categoria a ser pesquisada. Nas palavras do autor “amostragens não aleatórias procuram gerar amostras que, de alguma forma, representem razoavelmente bem a população de onde foram extraídas” (p. 53). Sendo assim, salientamos que a pesquisa não é representativa de toda a categoria de docentes da UFCG, mas, sim, daqueles que se interessaram em responder ao questionário, o que garante a validade, a confiabilidade e a cientificidade dos resultados da pesquisa. A abordagem nas análises dos resultados nesta etapa do relatório será eminentemente qualitativa, tendo como base os dados e informações levantadas na pesquisa, podendo ser classificada como quantitativa e qualitativa.

Desta forma, acompanham este relatório as análises quantitativas dos resultados das oito seções do questionário aplicado, uma breve análise qualitativa das questões abertas presente no final de algumas seções, bem como as figuras geradas pelo próprio *Google Forms*, para que as frequências das respostas possam ser melhor visualizadas. Salientamos que num segundo momento serão realizados cruzamentos de variáveis para que possamos entender, da forma mais aproximada possível, a realidade vivenciada pelos/as docentes da UFCG, em tempos de pandemia e de RAE, com recortes de gênero, raça, regime de trabalho, entre outras variáveis que podem ajudar para entendermos os principais problemas enfrentados na realização do trabalho remoto, na preparação e ministração das aulas, bem como suas implicações na saúde dos/as docentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e professoras das diversas Unidades Acadêmicas da UFCG de Campina Grande, Cajazeiras, Cuité, Patos, Pombal, Sousa e Sumé, que participaram respondendo ao questionário e confiaram nos objetivos desta pesquisa, relatando-nos um pouco de suas vivências cotidianas do primeiro semestre do ensino remoto (RAE-2020.3).

Agradecemos também à ADUFCG pela possibilidade de realização desta pesquisa e esperamos que os resultados da mesma possam contribuir para fundamentar futuros debates em nosso sindicato e que possam subsidiar a tomada de decisões e os encaminhamentos de atividades dos próximos semestres acadêmicos. Além disso, esperamos também que os resultados possam chamar a atenção e sensibilizar a Administração da UFCG sobre a problemática da precarização das condições de trabalho, bem como dos seus reflexos na saúde dos/as docentes. Uma problemática que já atingia os/as docentes bem antes da chegada do coronavírus, com casos diagnosticados de síndrome da *Bournout*, depressão, lesões por esforços repetitivos, cansaço físico e esgotamento mental, entre outros problemas que foram intensificados e agravados com a chegada da pandemia, distanciamento social e implantação do trabalho remoto/*home office*.

GT - Condições de trabalho remoto e saúde dos docentes da UFCG.

*Luciana Leandro da Silva*²

*Roseli de Fátima Corteletti*³

*Filipe Gervásio Pinto da Silva*⁴

² Doutora em Educação pela *Universitat Autònoma de Barcelona*, Professora da Unidade Acadêmica de Educação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), área de Política e Gestão Educacionais. Contato: luciana.leandro@professor.ufcg.edu.br

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Professora da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), área de Sociologia do Trabalho. Contato: roselicortel@yahoo.com.br

⁴ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/PPGEDU) e Professor da Universidade Federal de Campina Grande - Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (UFCG/CDSA). Contato: filipe.gps@hotmail.com

1. CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Conforme já salientado anteriormente, responderam ao questionário da pesquisa 131 docentes distribuídos nas Unidades Acadêmicas dos diversos campi da UFCG. Através da análise dos resultados da seção 1 (um), verificamos que o vínculo de trabalho de 98,5% dos respondentes é de professor/a efetivo/a e apenas 1,5% de professores/as substitutos/as. O regime de trabalho de 93,9% dos respondentes é de 40h, com Dedicção Exclusiva (DE) e o regime dos/as demais docentes que responderam de 20h e 40h.

Com relação à posição atual na carreira docente, 51,9% respondeu que é Adjunto, 35,9% é Associado e as demais posições estão distribuídas entre Titular, Assistente e Auxiliar. Do total de respondentes, 61,1% exerce algum cargo administrativo na UFCG e 38,9% não estava exercendo cargo administrativo no momento da pesquisa.

Verificamos ainda que 41,2% do total de entrevistados/as possui entre 40 e 49 anos de idade, 35,9% possui entre 50 e 59 anos, 13% possui entre 30 e 39 anos e 9,9% possui mais 60 anos de idade. Sobre a identidade de gênero, verificamos que 50,4% identifica-se com o gênero feminino e 49,4% com o gênero masculino. Com relação à cor da pele, vimos que 51,1% identifica-se com a cor branca, 34,4% identifica-se com parda e 7% se declaram ser da cor preta. 5% dos docentes (7 ao todo) preferiram não declarar sua cor, um se declarou amarelo, outro deixou reticências e outro escreveu a seguinte frase: “Me sinto preto, vermelho, colorido, mas me veem branco. E depende do lugar. No sul-sudeste sou visto como nordestino, ou seja, não sou branco” (Respondente). Isso mostra o quanto essa discussão acerca de cor e origem étnico-racial ainda é controversa no ambiente acadêmico, necessitando ser discutida e aprofundada.

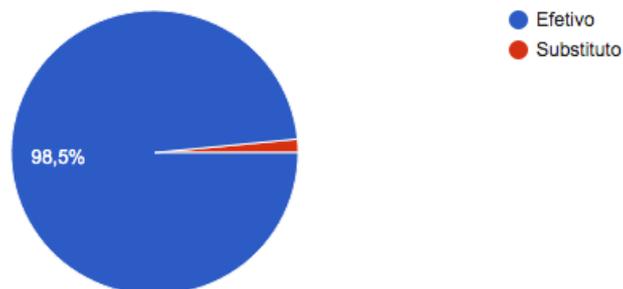
1.1 Figuras da seção 1.

A seguir, podem ser conferidas as figuras da seção 1. Salientamos que a figura 1 sobre os campi da UFCG, onde estão localizados/as os/as respondentes não consta neste relatório, uma vez que o programa gerou várias figuras sobre esta questão, o que iria ocupar muito espaço no relatório. Nas demais figuras podem ser conferidos os percentuais analisados, bem como o número total de respondentes em cada pergunta.

2. Qual o seu vínculo e regime de trabalho na UFCG?

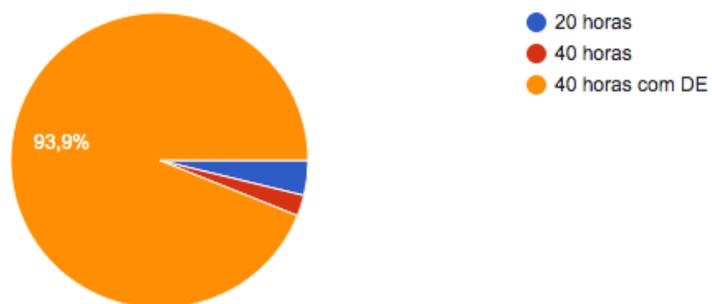
2. (a) Vínculo:

131 respostas



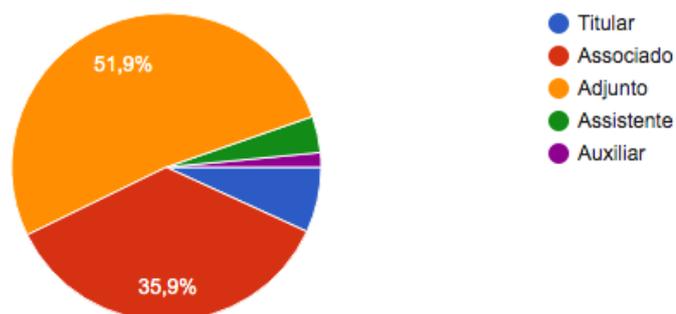
2. (b) Regime de Trabalho:

131 respostas



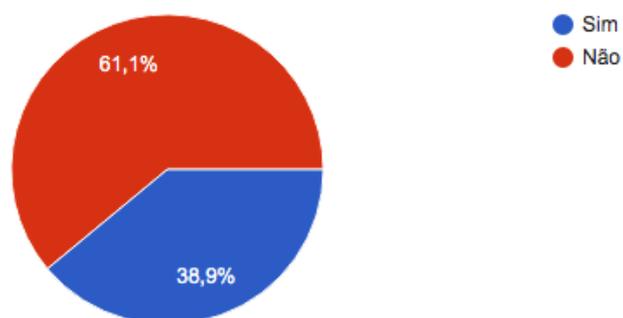
3. Qual a sua atual posição na carreira docente?

131 respostas



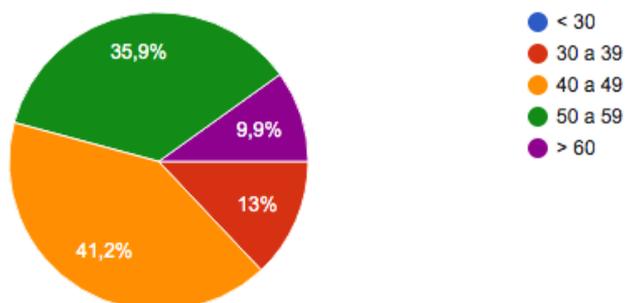
4. Exerce cargo administrativo na Universidade ?

131 respostas



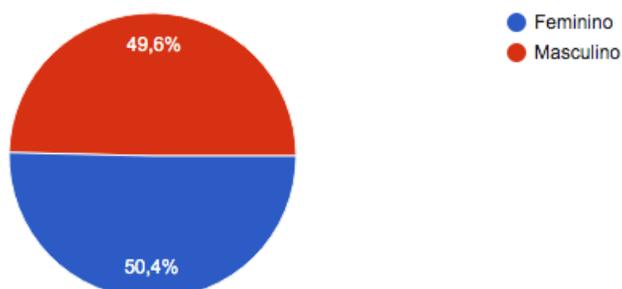
5. Qual a sua idade (anos) ?

131 respostas



6. Qual a sua identidade de gênero?

131 respostas



7. Em termos de cor da pele, como você se identifica ?

131 respostas



2. AS CONDIÇÕES INDIVIDUAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A primeira questão desta seção foi investigar sobre o número de pessoas que residem no mesmo espaço familiar, ou seja, no mesmo domicílio. Vimos que, no momento da pesquisa, 22,1% residia com mais uma pessoa; 21,4% respondeu que morava com duas pessoas, 20,6% residia com três pessoas e 20,6% dividia o espaço doméstico com outras quatro pessoas. Já, 8,4% residia com mais de quatro pessoas na mesma casa ou apartamento, e apenas 6,9% do total de participantes da amostra morava sozinho e não dividia com ninguém o espaço doméstico.

Com relação à participação dos membros da família na divisão das tarefas domésticas, obtivemos as seguintes respostas: A maioria, ou seja, 80,9% disse que conta com “ajuda” dos demais membros da família nas tarefas domésticas. No entanto, 19,1% respondeu que não conta com ajuda alguma para a realização das atividades domésticas. Vale salientar que nesta questão estão incluídas aquelas/as pessoas que moram sozinhas, mas, se diminuirmos este percentual, ainda assim temos um número significativo de pessoas que não contam com nenhum tipo de ajuda nos afazeres domésticos como cuidado com a limpeza da casa, compras e alimentação dos filhos e demais familiares.

Entre aqueles/as que responderam que recebem ajuda dos familiares nas tarefas domésticas, 39,9% alegou que a ajuda vem do/a parceiro/a, 33% que recebe ajuda de trabalhadora/o doméstica/o contratada/o, e 22,3% recebe ajuda parcial do/a parceiro/a, mas assumindo a maior parte da carga de trabalho, e 17,5% divide com parceiro/a, mas ficando com a menor parte das responsabilidades diárias.

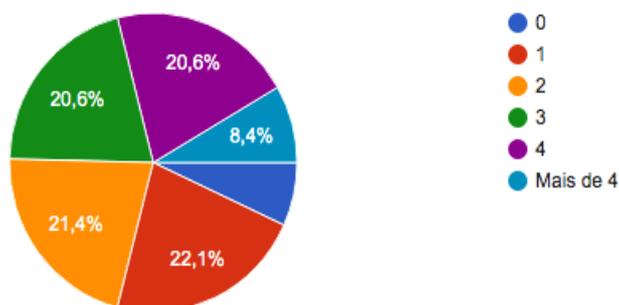
Além disso, vimos que 57,3% do total exerce atividades de cuidados com filhos ou demais familiares. Por outro lado, 42,7% respondeu que não possui essa responsabilidade de cuidado com outras pessoas, em seus cotidianos de trabalho remoto. Dos que responderam que sim, 61,8% salientaram que o cuidado está relacionado a crianças. No entanto, 46,1% do total de respondentes desempenha atividades de cuidados relacionados à pessoas idosas, como pais e avós.

2.1 Figuras da seção 2.

2. CONDIÇÕES INDIVIDUAIS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

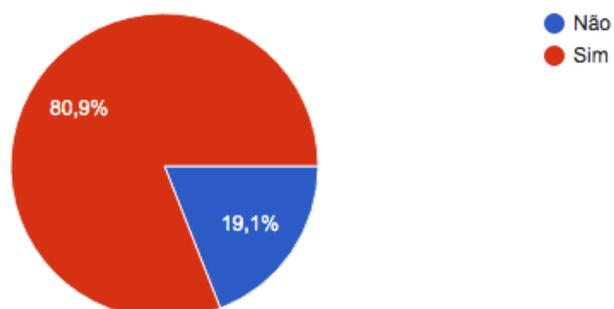
8. Quantas pessoas residem com você ?

131 respostas



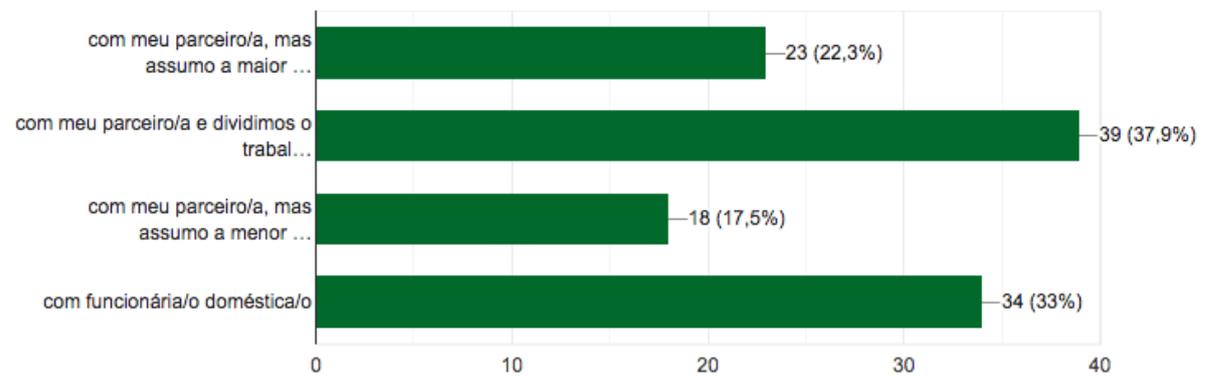
9. (a) - Você pode contar com outros adultos na divisão do trabalho doméstico cotidiano?

131 respostas



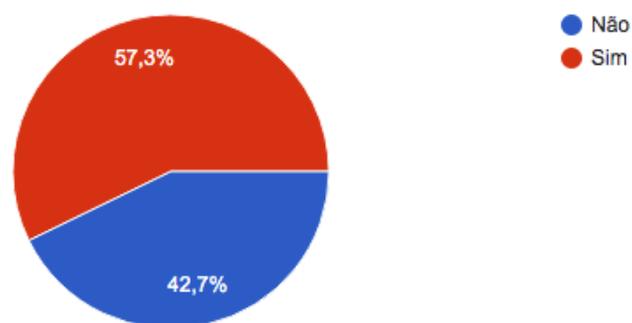
9.(b): Se respondeu "Sim", com quem ?

103 respostas



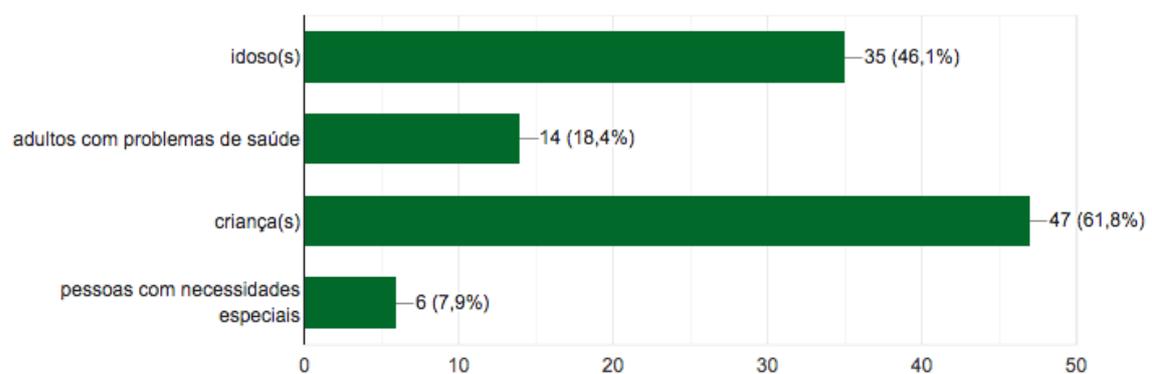
10. (a) - Há outras pessoas que exigem atenção e cuidado especial de sua parte?

131 respostas



10. (b) Se respondeu "Sim", quais? (Pode marcar mais de uma opção)

76 respostas



3. DECISÕES DA UNIVERSIDADE SOBRE O RAE

Em relação à participação nas discussões sobre a implantação do RAE, 64,1% respondeu que participou e 35,9% admitiu que não participou das discussões. Em relação à forma como o RAE foi implantado, obtivemos o mesmo percentual de docentes que concordaram com a forma de implantação utilizada, dos que não concordaram, ou seja, 43,5% concordou com a adesão ao RAE e 43,5% não concordou com a forma de adesão ao RAE, sugerindo que o RAE poderia ter sido implantado de outra forma.

Na questão sobre as medidas administrativas tomadas pela UFCG como resposta à pandemia, 38,2% respondeu que foram pouco satisfatórias, 34,4% avaliou que foram satisfatórias. No entanto, para 26,7% as medidas foram insatisfatórias. Com relação ao tempo de preparação do Plano de Atividades de Ensino Remoto-PAER, 48,1% considerou o tempo razoável, 33,6% avaliou que o tempo foi insuficiente e, para 18,3%, o tempo foi suficiente.

Entre as atividades acadêmicas realizadas pelos docentes durante o RAE foram citadas, em primeiro lugar, componentes curriculares; em segundo lugar, atividades relacionadas a seminários, palestras e minicursos online; em terceiro lugar, orientação trabalhos de conclusão de Curso; e, em quarto lugar, orientações de práticas e estágios. Além dessas, foram citados também Cursos abertos, realizados virtualmente.

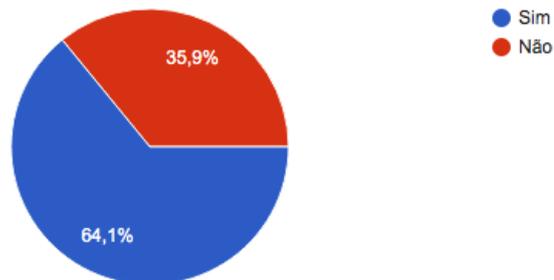
Com relação ao apoio institucional recebido para o desenvolvimento do RAE, 42,7% considerou que o apoio foi pouco satisfatório, e, para 33,6%, foi insatisfatório. Para 21,4%, foi satisfatório, e, para uma pequena parcela de docentes, foi muito satisfatório. Se somarmos o pouco satisfatório com o insatisfatório, temos um percentual de 76,3% de docentes descontentes com os encaminhamentos dados no desenvolvimento do RAE.

3.1 Figuras da seção 3.

3. DECISÕES DA UNIVERSIDADE SOBRE O RAE

11. Você participou das discussões sobre a implantação do RAE ?

131 respostas



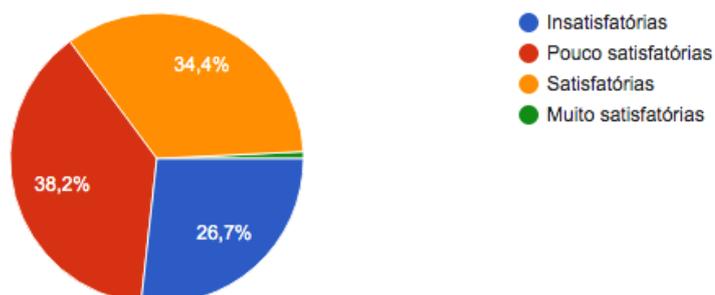
12. Você concordou com o RAE da forma como foi implantado?

131 respostas



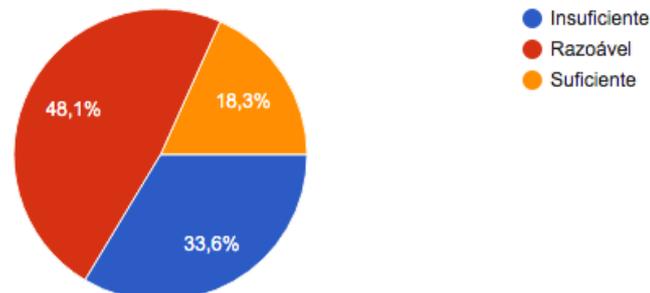
13. Qual sua avaliação das medidas administrativas tomadas pela UFCG em resposta à pandemia?

131 respostas



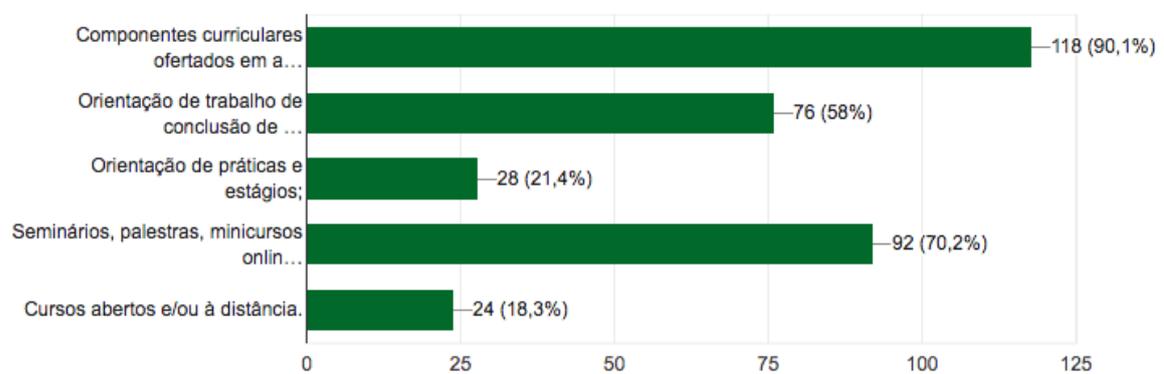
14. Como você avalia o tempo para preparação do PAER?

131 respostas



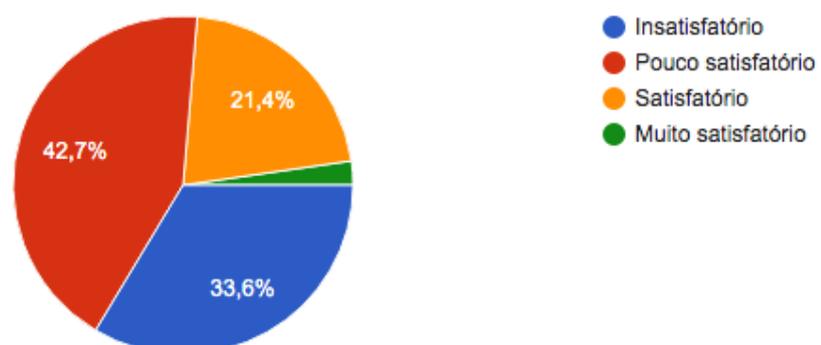
15. Entre as atividades abaixo relacionadas, quais delas você realizou durante o RAE?

131 respostas



16. Como você avalia o apoio institucional para o exercício do RAE?

131 respostas



4. CONDIÇÕES GERAIS DO TRABALHO REMOTO

Com relação às Condições Gerais do Trabalho Remoto, verificamos, através das 131 respostas recebidas, que a maioria dos/as docentes ministrou disciplinas para duas turmas na Graduação. Em segundo lugar, aparece uma turma e, em terceiro, três turmas. Houve também quem ministrou atividades para mais de três turmas. Aqui, consideramos importante salientar que como o RAE permitia a realização de outras atividades paralelas, muitos docentes optaram por fazer uma combinação de disciplinas com outras atividades como *Lives*, Seminários, Minicursos, entre outras atividades virtuais.

O número de alunos/as matriculados/as nas disciplinas obteve uma maior concentração entre 16 e 30 alunos/as matriculados. Em segundo lugar, foi até 15 alunos/as e, em terceiro, entre 31 e 45 alunos/as matriculados. No entanto, houve também registros de turmas com mais de 61, e também com mais de 100 alunos/as matriculados/as. Com relação à questão sobre se conseguiu ministrar todos os conteúdos previstos nos PAERs, a maioria, ou seja, 74% dos/as docentes responderam que sim, sendo que 18,3% responderam que conseguiram em partes, e apenas 3,8% respondeu que não conseguiu ministrar todos os conteúdos previstos nos PAERs. Neste sentido, vale salientar que os/as docentes precisaram de tempo para se adaptar a essa nova modalidade de ensino, bem como conhecer as plataformas digitais disponíveis para realização das aulas e demais atividades *online*.

Em relação ao tempo de trabalho remoto, comparando com o tempo das atividades presenciais, a maioria, ou seja, 42,7% respondeu que trabalhou muito mais, em seguida 40,5% respondeu que trabalhou mais, e para 13% foi o mesmo dispêndio de força de trabalho. Apenas 3,8% respondeu que trabalhou menos. Se somarmos os que responderam que trabalharam muito mais e os que trabalharam mais, temos um percentual de 83,2%. Portanto, podemos afirmar que durante o período extraordinário (RAE), o trabalho foi muito mais intenso, do que na forma presencial. Nesta questão, não podemos deixar de salientar que o trabalho remoto atinge de forma diferente homens e mulheres, uma vez que as atividades produtivas se misturam com as atividades reprodutivas de cuidado com os filhos e demais familiares, gerando uma sobrecarga de atividades, principalmente para as mulheres, causando reflexos na saúde, através de vários sintomas, os quais serão apresentados na próxima sessão.

Em relação às orientações de graduação e pós graduação, 32,1% respondeu que a dedicação foi entre 25 a 50% maior do que na forma presencial; para 31,3%, a demanda foi

igual à demanda no formato presencial. No entanto, para 22,1%, foi de 50 a 100% maior de dedicação em carga horária do que no modo presencial. Neste quesito, vale salientar que muitos docentes já vinham realizando orientações de forma remota, em maior ou menor grau.

Em relação às atividades administrativas em comparação com o modo presencial, vimos que 35,9% não desenvolveu atividades administrativas durante o período do RAE. No entanto, 21,4% dos docentes respondeu que utilizaram entre 25 e 50% mais tempo com tarefas administrativas. Para 19,1%, as demandas com atividades administrativas se mantiveram iguais ao período da forma presencial. No entanto, para 9,2%, as demandas aumentaram em mais de 100%, e, para outros 9,2%, aumentaram entre 50 e 100% do tempo dedicado em atividades presenciais.

Com relação ao acesso a equipamentos e à qualidade da *internet*, vimos que, para 41,2% dos respondentes, as condições são boas. Para 38,9%, são regulares e para 12,2% são ruins. Apenas para 7,6% as condições são excelentes. Nesta questão, fica muito evidente que a maioria dos/as docentes enfrentou problemas com a rede de Internet. Isso fez com que alguns tivessem que fazer um novo plano, bem como adquirir novos computadores, câmeras, entre outros equipamentos. Vale salientar que no trabalho remoto, os docentes arcam com todas as despesas necessárias para realização das atividades acadêmicas, incluindo todos os equipamentos, plano de internet e energia.

Nesta seção havia ainda uma questão aberta em que todos/as os/as docentes podiam se expressar acerca das condições gerais de trabalho no RAE. Obtivemos alguns depoimentos importantes relacionados a questões operacionais, da forma como o trabalho remoto entrou na vida dos/as docentes da UFCG. Alguns destes depoimentos podem ser conferidos a seguir:

4.1 Análise dos depoimentos da seção 4.

A questão 24, como parte da sessão Condições Gerais de Trabalho Remoto, tratava-se de um espaço aberto para comentários e julgamentos considerados necessários e/ou relevantes sobre as condições gerais de trabalho dos docentes no âmbito do RAE. Obtivemos 98 comentários, o que demonstra a necessidade de mais espaços abertos para que os docentes sejam ouvidos sobre das suas condições de trabalho.

dividido com outras pessoas, também em atividades remotas, ter sido invadido pelo espaço da produção acadêmica. Muito ruim (Respondente).

Muito trabalho, comunicação interna com órgãos deliberativos muito precária, ajuda a muito custo e resolvendo problemas administrativos com auxílio de colegas e leituras de resoluções (Respondente).

Houve também alguns comentários acerca dos problemas de saúde ocasionados pela conjuntura atual.

O maior problema para mim foi de ordem psicológica. Tive duas crises depressivas, pois além do isolamento social, perdi meu irmão durante esse período. Tive muitos problemas pessoais e familiares, crises de depressão e ansiedade e passei por uma cirurgia (Respondente).

Ressaltamos que há poucos comentários positivos (cerca de 6 ao todo) e que, entre eles, há também quem aponte algumas limitações, como na citação que segue:

A Plataforma disponibilizada pela UFCG (Moodle RAE) foi satisfatória, porém, necessitaria de uma explanação mais aprofundada dos recursos tecnológicos que lá existem, pois apenas o curso introdutório não foi suficiente (Respondente).

Houve ainda alguns docentes que relacionaram o RAE com estratégias mais amplas, denunciando os interesses que existem por trás da adoção do ensino remoto.

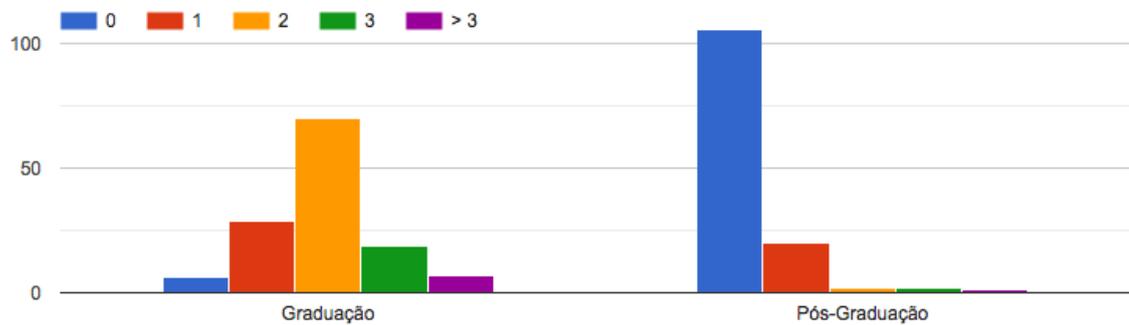
A verdade é que o RAE não foi pensado como uma atividade de exceção para um período excepcional. Ele faz parte de uma estratégia mais ampla do capital, visando destruir, de forma definitiva, o que resta do projeto da educação pública, crítica e presencial, já que é uma forma precarizada de ensino a distância (Respondente).

Desse modo, podemos verificar através dos depoimentos acima, questões acerca da falta de diálogo e comunicação da instituição com a comunidade universitária, além de vários comentários sobre problemas de saúde física e psíquica, como estresses, ansiedade, tendinite entre outros, que serão aprofundados na seção 5. Notamos a pouca incidência de comentários que demonstrem satisfação com as condições oferecidas.

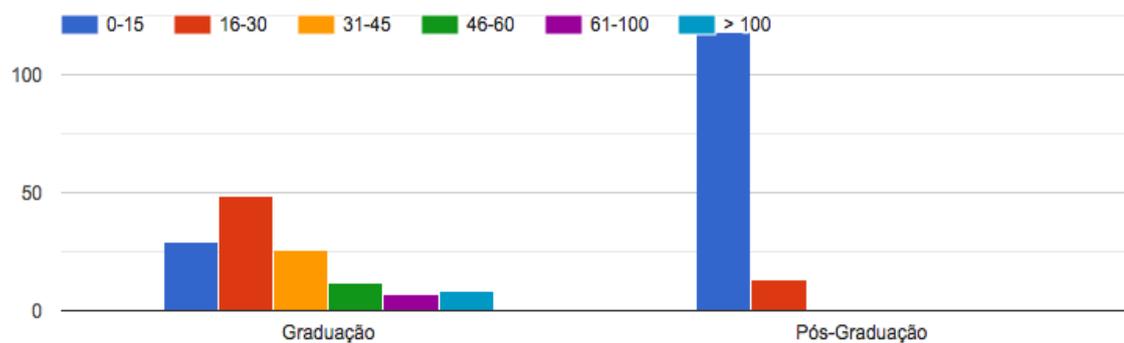
4.2 Figuras da Seção 4.

4. CONDIÇÕES GERAIS DO TRABALHO REMOTO

17. Quantas turmas você assumiu no semestre 2020.3 ?

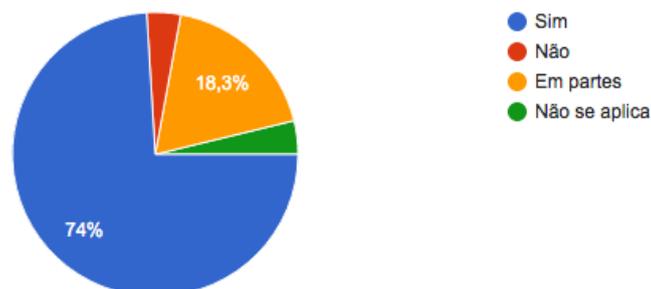


18. Quantos estudantes foram matriculados em suas turmas no semestre 2020.3?



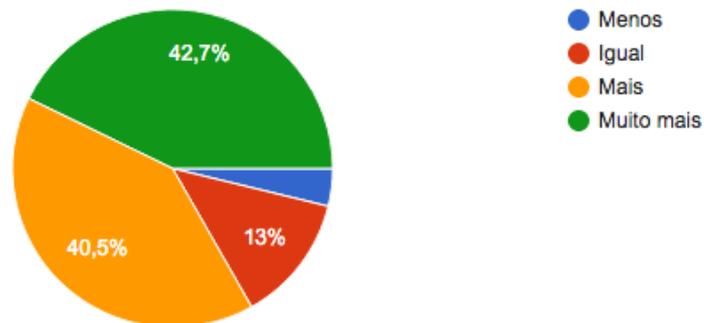
19. Você conseguiu cumprir o plano de trabalho das disciplinas sob sua responsabilidade em 2020.3?

131 respostas



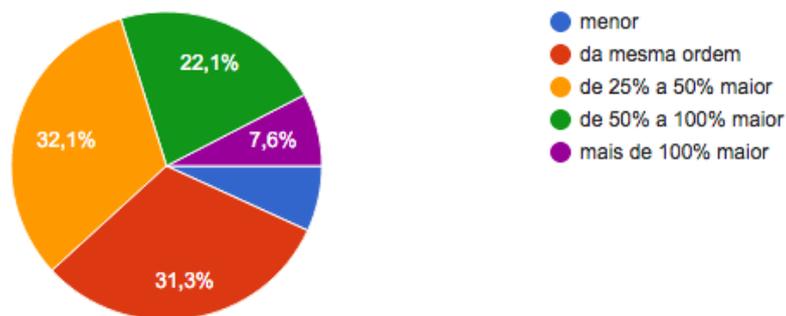
20. Em relação às atividades presenciais e considerando o que desenvolveu remotamente, você avalia que trabalhou:

131 respostas



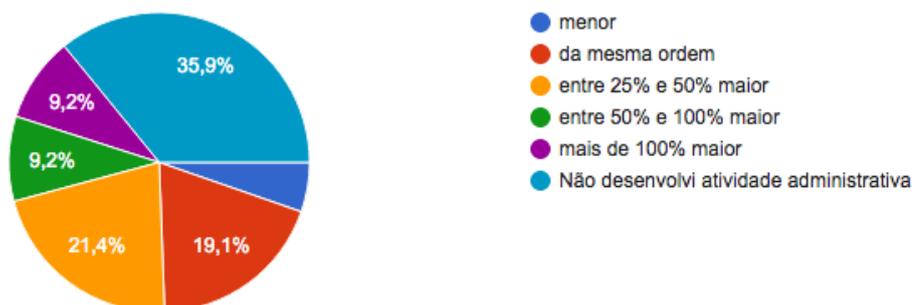
21. Tendo como referência à orientação presencial de estudantes (de graduação e pós-graduação), você dedicou uma carga horária () que a anterior.

131 respostas



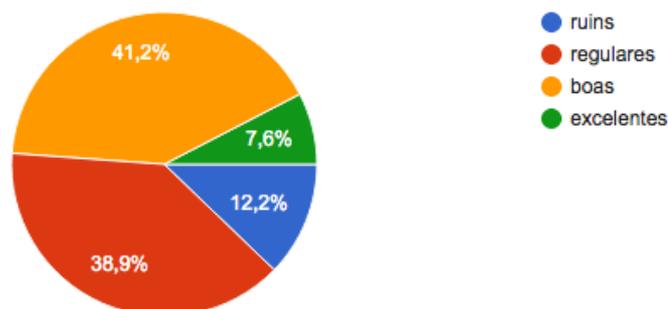
22. Em relação às atividades administrativas no modo presencial, você dedicou uma carga horária () que a anterior.

131 respostas



23. Seu acesso a equipamentos e a qualidade da internet para desenvolver suas atividades remotas de Ensino, Pesquisa e Extensão foram:

131 respostas



5. REFLEXOS DO TRABALHO REMOTO NA SAÚDE DOS DOCENTES

Nesta seção, investigamos aspectos relacionados à saúde dos/as docentes, bem como aqueles decorrentes do Ensino Remoto, onde verificamos que 64,1% declarou que não possui nenhum tipo de comorbidade e nem pertence a grupos de risco. No entanto, 35,9% dos respondentes declarou que sim, ou seja, que possui algum tipo de comorbidade e pertence a grupos de risco.

Dos 35,9% que respondeu sim, 51,1% respondeu ser hipertenso, 23,4% afirma problemas com obesidade, 19,1% tem problemas com diabetes, 19,1% tem problemas com asma, 14,9% é cardiopata, 8,5% tem problemas relacionados à imunodepressão, 4,3% com algum tipo de câncer e 2,1% com doença renal.

Sobre o ritmo de trabalho na pandemia, 69,5% dos/as respondentes passou para um ritmo mais acelerado de trabalho, 15,3% passou para um ritmo mais lento, e, para 15,3%, o ritmo foi igual ao presencial. Na questão sobre a carga horária dispensada ao trabalho antes da pandemia, a maioria respondeu que trabalhava 8 horas diárias. No entanto, durante a pandemia a jornada diária de trabalho da maioria dos respondentes foi maior que 8 horas diárias, ou seja, podemos verificar uma intensificação da jornada de trabalho.

Na pergunta sobre se desenvolveu algum problema físico ou mental relacionado ao período do trabalho remoto (RAE), vimos que 60,3% dos participantes da pesquisa respondeu que sim, e 39,7% respondeu que não. Entre quem respondeu que sim, obtivemos 79 respostas

nas quais vimos que 64,6% desenvolveu ansiedade, 63,3% desenvolveu estresse, 48,1% problemas na coluna, 34, 2% problemas com os olhos/visão, 16,5% desenvolveu lesão por esforço repetitivo (LER), 6,3% problemas com depressão, 2,5% problemas de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT). Problemas como nervosismo, trombo hemorroidal, crise de labirintite, esofagite, insônia, tendinite, inchaço nos pés, fadiga mental e corporal também foram citadas pelos respondentes.

5.1 Análise dos depoimentos da seção 5.

Nesta seção foi deixada uma questão aberta para quem sentisse vontade de comentar sobre as situações pessoais e problemas relacionados à saúde vivenciados durante o semestre 2020.3 – RAE. Foram computados 82 depoimentos, o que mostra a necessidade que os/as docentes estão sentindo de ter um espaço para falar e dialogar sobre essa nova experiência, seus desafios e reflexos na saúde. Através dos depoimentos, verificamos que muitos foram as consequências da pandemia, do distanciamento social e do trabalho remoto sobre a saúde dos/as docentes da UFCG.

Entre os problemas relatados, observamos que problemas relacionados a dores físicas em geral foram mencionados com frequência pelos/as respondentes. Entre as dores mais citadas, destacamos dor na coluna, nos braços, na cabeça, no pescoço, nas pernas e nos olhos, por passarem muito tempo sentados/as em frente à tela do computador. Algumas situações podem ser conferidas nos depoimentos de alguns dos nossos interlocutores/as: “Dado o tempo que permaneci sentada em frente ao computador, em função do trabalho, tive problemas de circulação, dores nas articulações e infecção urinária”. “Muita dor no pescoço devido ao uso excessivo do computador”. “O excesso de contato com a tela de computador aumentou meus problemas na visão e ampliou minha ansiedade”. “Muita ansiedade, dor de cabeça, falta de sono (...)” (Respondentes).

Houve também muitos depoimentos de problemas relacionados as dificuldades de adaptação com as plataformas digitais, conforme podemos conferir a seguir: pode ser conferido a seguir:

O confinamento e a falta de domínio em tecnologias voltadas a educação, bem como da possibilidade de ministrar disciplinas nos primeiros meses, me fez sentir inútil, negligente e incapaz perante os discentes, gerando picos de ansiedade e irritabilidade. No momento estou tomando remédio para ansiedade (Respondente).

Dores no corpo de forma geral, por passar muitas horas no computador. Vista cansada e ressecada. Vista embaçada, estresse por problemas no computador,

alguns problemas para gravar as aulas, regravar as aulas várias vezes quando a primeira gravação não dava certo, aprender a usar o Moodle, etc. (Respondente).

Desenvolvi dor e amortecimento no braço direito, dor no quadril e na coluna, problemas de ardência nos olhos e muita ansiedade. Mesmo sentindo vários problemas sentia que precisava me manter firme, uma vez que os estudantes estavam precisando de uma palavra de alento, para enfrentar um momento muito difícil, diante da pandemia e dificuldades com as aulas remotas (Respondente)

Muita preocupação em relação às aulas síncronas e como meu filho que tem dois anos aceitaria a minha "ausência" nestes momentos (principalmente por estarmos no mesmo ambiente). Antes das aulas sempre ficava ansiosa para saber se daria tudo certo (Respondente).

Foram relatados, com frequência, sintomas de ansiedade e estresse ligados ao fato dos/as docentes não saberem direito lidar com essa nova realidade de ensino via plataformas digitais, pela instabilidade da internet, bem como pelo medo de contrair a COVID-19. Muitos/as alegaram também que a responsabilidade com a qualidade do que deveria ser entregue à comunidade da UFCG agravou ainda mais o quadro de ansiedade já existente diante da insegurança sanitária e da pandemia, como podemos conferir no depoimento a seguir:

Desenvolvi problemas na coluna lombar, problemas oculares (ardência, visão dupla, aumento do grau de óculos), além de crises de ansiedade e episódios depressivos, todos eles relacionados com a carga de trabalho no modo remoto e, também, em relação à situação pandêmica, que nos colocou como meta prioritária tentar sobreviver, embora a exigência por produtividade acadêmica tenha se mantido inalterada (Respondente).

Ganhei peso; sinto dores constantes na coluna; tenho a sensação de que estou enxergando mal; tenho tido crises constantes de LER; reduzi minha qualidade de sono e quantidade de horas dormidas; tenho tido irritabilidade e falta de paciência além do normal; e tido o sentimento ruim de descrença, o que me faz muito mal porque eu era muito otimista, e agora além de completamente pessimista não estou acreditando mais em quase ninguém e ou alguma coisa (Respondente).

Vimos, na pesquisa, o relato de inúmeros casos de esgotamento físico e mental, ansiedade e depressão diante das incertezas provocadas pelo trabalho remoto e pela pandemia, que se alastrava cada vez mais, levando à morte milhares de brasileiros/as, como é o caso do depoimento a seguir: “Durante o período de isolamento social devido à pandemia da COVID tive momentos de muita ansiedade/depressão e muitas dores de cabeça” (Respondente).

Além disso, no caso de quem precisou cuidar de outras pessoas durante o período analisado, a preocupação foi ainda maior, como podemos conferir nos seguintes depoimentos:

“Muita preocupação com os efeitos do isolamento social e do trabalho remoto gerou muita ansiedade e estresse. Ter que cuidar de outras pessoas e manter o equilíbrio foi difícil, por vezes”. “Tive que começar a fazer terapia, para manter minha sanidade mental, diante das pressões do trabalho e da conjuntura (Respondentes).

Além dos relatos de problemas físicos e emocionais, constatamos nos depoimentos muita preocupação, por parte dos/as professores/as, com a instituição pública, com o processo de educação, com as dificuldades enfrentadas pelos discentes, tanto pela instabilidade no acesso à internet, quanto pelos problemas emocionais que alguns discentes estavam enfrentando durante o período analisado.

Houve também depoimentos onde os/as docentes avaliaram que, apesar das dificuldades, conseguiram observar com alguma positividade o ensino remoto do RAE, como podemos conferir nos seguintes depoimentos:

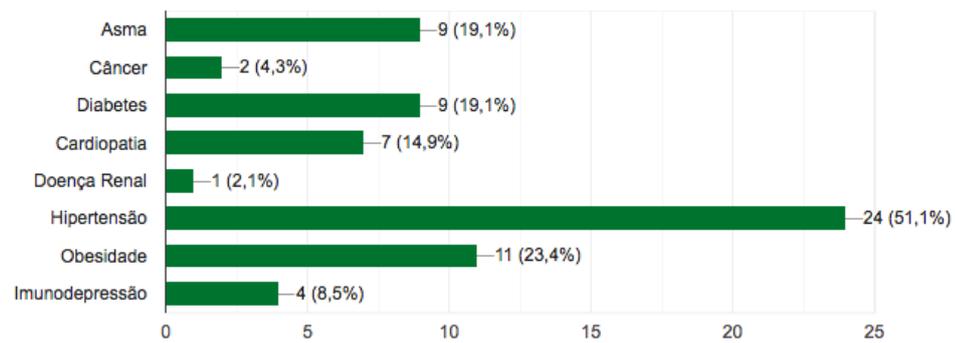
Saber que meu objetivo de aprendizagem poderia não ser cumprido e conhecer a situação delicada em que se encontravam muitos colegas professores, além de alunos e suas famílias. Tudo isso atrelado ao receio por minha saúde e da minha família, que inclui idosos. Todo o cenário gera insegurança levando à ansiedade e à uma leve depressão. Porém, o resultado do aprendizado final na minha disciplina me satisfez e me fez perceber que trabalhar com um número mais reduzido de alunos (usualmente atendo em torno de 120) é muito profícuo para a aprendizagem, o que me torna mais otimista (Respondente).

Por fim, constatamos nos depoimentos que a pandemia e o distanciamento social intensificaram o trabalho e agravaram significativamente problemas que os/as docentes universitários já vinham enfrentando, antes mesmo da chegada da pandemia, pela cobrança de produtividade imposta nas instituições de ensino desde os anos 1990, bem como pela precarização das condições de trabalho vivenciada nos últimos tempos, ligada ao corte de investimentos no serviço público e, em especial, nas Universidades Federais. Por outro lado, vale salientar que verificamos também nos depoimentos algumas formas de resiliência por parte de docentes, que ao se depararem com uma experiência totalmente nova e difícil, foram levados a buscar maior familiaridade com as novas tecnologias e plataformas digitais, o que alguns acabaram avaliando com positividade, uma vez que estamos diante de uma realidade social cada vez mais digital e informacional.

Na figura a seguir, podemos verificar de forma resumida as principais palavras mencionadas na seção sobre os reflexos do trabalho remoto e do distanciamento social na saúde dos/as docentes.

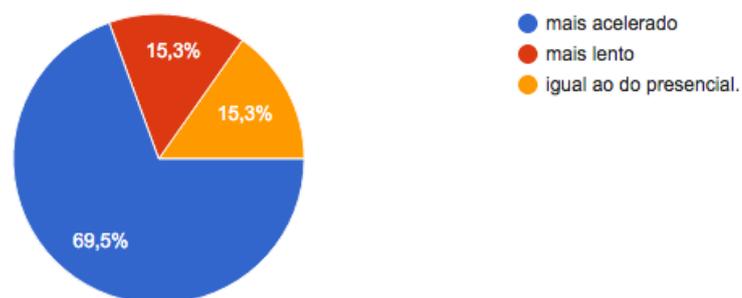
26. (b) - Se respondeu "Sim", qual(is)?

47 respostas

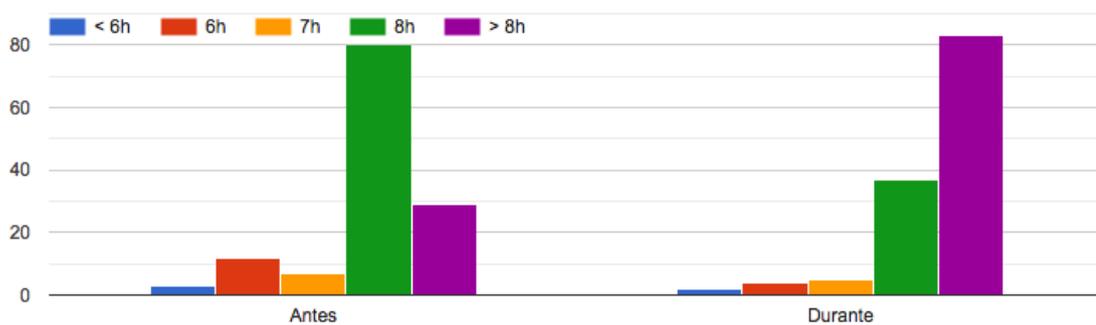


27. Em relação ao ritmo de trabalho antes da pandemia, você passou a trabalhar em ritmo:

131 respostas

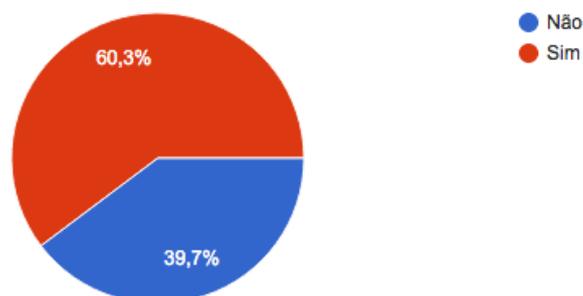


28. Qual a sua carga diária de trabalho (em horas) antes e durante da pandemia?



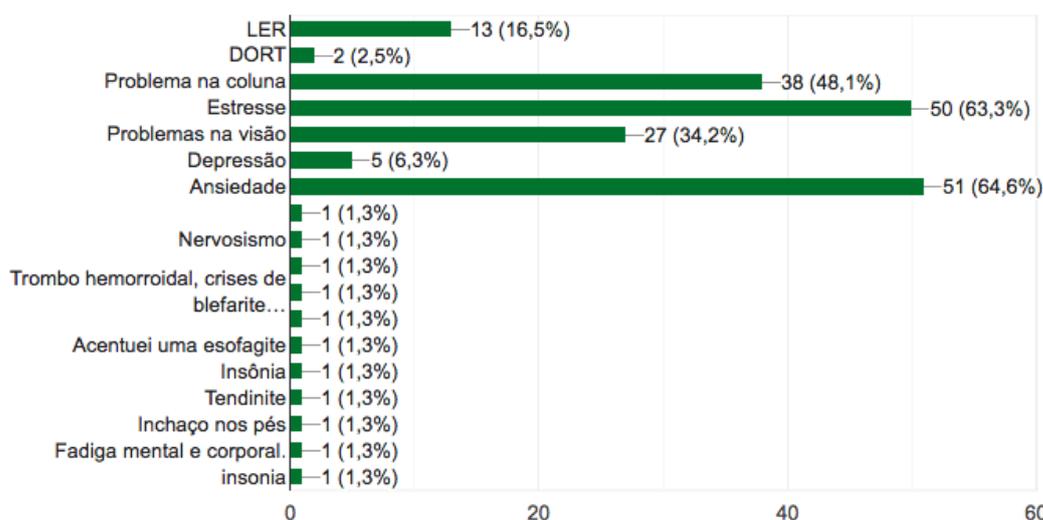
29. (a) - Você desenvolveu algum problema de saúde (físico ou mental) relacionado ao trabalho remoto?

131 respostas



29. (b) - Se respondeu "Sim", qual(is) ?

79 respostas



6. COTIDIANO DO ENSINO REMOTO NO RAE

Nesta seção sobre o cotidiano do Ensino Remoto, 84,7% dos/as docentes respondeu que ministrou mais aulas síncronas, 52,7% relatou que optou também pelas aulas assíncronas (realizadas sem o encontro simultâneo), e 29,8% contou que usou paralelamente outras formas de interação e troca de conhecimento, utilizando ferramentas da internet. Podemos verificar que muitos docentes optaram pelo contato virtual através da sala virtual simultâneo, seguindo basicamente os mesmos horários das aulas presenciais. Acreditamos que a diversificação de respostas neste item pode também estar relacionada ao tipo de conteúdo ministrado na disciplina.

A maioria dos respondentes, ou seja, 41,2% avaliou que o suporte oferecido pela UFCG no uso das plataformas digitais durante o RAE foi regular e 30,5% avaliou que foi ruim. No entanto, 26% do total da amostra avaliou que o suporte foi bom. Somando a avaliação regular com a ruim temos uma concentração de 71,7% do total de respostas de docentes que não ficaram satisfeitos com o suporte oferecido pela UFCG. Com relação à qualidade das plataformas digitais, 58,8% avaliou como bom, 24,4% considerou regular e para 9,9% foi excelente.

Na questão de investigação sobre como foram as aulas remotas dos/as docentes, temos que 74,8% ministraram suas aulas complementando com outras atividades; para 44,3% dos respondentes, as aulas tiveram a mesma duração das aulas presenciais; e 44,2% afirmaram que as aulas remotas possibilitaram que os/as estudantes interagissem fazendo perguntas e pedindo esclarecimentos.

Segundo 91,6% dos respondentes, os estudantes relataram problemas para participarem das aulas remotas e apenas 8,4% relatou que não identificou nenhuma dificuldade por parte dos estudantes. Dos que responderam que identificaram dificuldades, 94,2% responderam que estas foram de ordem tecnológica. Para 72,5%, as dificuldades foram de ordem socioafetivas (relacionadas com aspectos emocionais). Entretanto, 61,7% relatou que as dificuldades maiores foram relacionadas ao manejo das ferramentas tecnológicas para as aulas remotas. Para 51,5%, as dificuldades foram de ordem educacionais, relacionadas à transmissão do conhecimento e aprendizagem.

Os depoimentos a seguir foram relatados pelos/as docentes sobre o cotidiano do Ensino Remoto, sobre qualidade das interações com os estudantes, dificuldades na preparação e condução das aulas e das orientações, ausência retorno dos estudantes, problemas com internet, entre outros, conforme depoimentos a seguir:

6.1 Análise dos depoimentos da seção 6.

A questão 36 tratava-se de um espaço aberto para comentários relevantes sobre as questões presentes ao longo da sessão 6, intitulada “Cotidiano do Ensino remoto no RAE”, indicando aspectos como a qualidade das interações com os estudantes, dificuldades na preparação e condução das aulas e das orientações, ausência de feedback dos estudantes etc. Essa questão foi respondida por metade dos participantes, ou seja, 68 docentes.

participação dos estudantes nos encontros síncronos”. “Desânimo ao ter que ficar falando sozinho para o computador sem que os estudantes ligassem as câmeras ou interagissem nos encontros síncronos”. “Os alunos que moram em áreas rurais não têm acesso à internet e não conseguiram acompanhar as aulas” (Respondentes).

A interação com os estudantes, nem de longe se realizaram como nas atividades presenciais, embora fosse sempre facultado o espaço para o diálogo, para questionamentos e etc. Muitos discentes em condições muito precárias de acesso à internet, de moradia e etc. Muitos relataram episódios de ansiedade, depressão (...) (Respondente).

Os docentes demonstram forte preocupação com a falta de condições materiais e psicológicas dos estudantes, muitos dos quais acabaram desistindo de cursar as disciplinas. Também trouxeram à tona toda dificuldade que eles próprios têm enfrentado neste contexto de pandemia, por estarem adoecendo e tendo que lidar com a perda de parentes muito próximos.

Os desistentes alegaram que não havia como acessar a internet pois não conseguiam pagar, seus celulares e notebooks eram obsoletos, a família era grande e não havia tranquilidade; Os que conseguiram reclamavam da disputa por equipamento, internet lenta e problemas de ansiedade e depressão decorrente do isolamento e dificuldades financeiras (Respondente).

Nem todos os alunos dispunham de uma internet eficiente para assistir as aulas, como também a internet dos docentes, não tão eficiente. A relação entre professor e alunos, teve de ser de muita compreensão, pois perdi meus pais, um em abril e outro em novembro, a fora a saúde dos alunos e de seus parentes (Respondente).

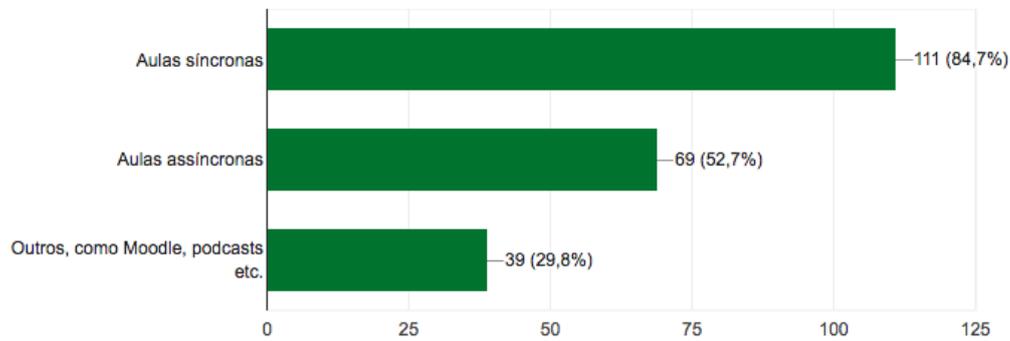
Houve poucos comentários que reconhecessem pontos positivos do RAE e, quando o faziam, também tratavam de apontar suas limitações:

Houve uma disciplina em que a interatividade entre mim e os alunos foi avaliada por eles, alunos, como muito boa e gostaram muito da disciplina comigo, mas reclamaram do modo remoto como um todo e das dificuldades deles com qualidade de conexão, equipamentos, ambiente adequado para assistirem as aulas (acho que por isso ficam com a câmera fechada). Lecionei 2 disciplinas de graduação que são de alunos pré-concluintes e concluintes. Então já chegam para mim como um pouco mais de maturidade. E em minha experiência de sala de aula sempre, sempre mesmo, tive de bom a excelente relacionamento com minhas turmas. Mas os alunos reclamaram das dificuldades, da falta da interatividade presencial e da quantidade de trabalho e exigências que estavam tendo que dar conta (Respondente).

6.2. Figuras da Seção 6.

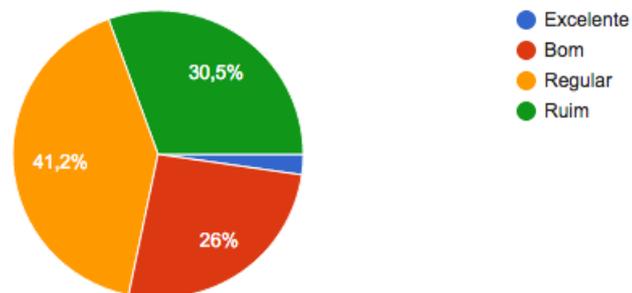
31. Após a suspensão das aulas presenciais, que modalidade de ensino predominou sua relação com os/as estudantes da/s disciplina/s que você ministra? (Você pode selecionar mais de uma opção)

131 respostas



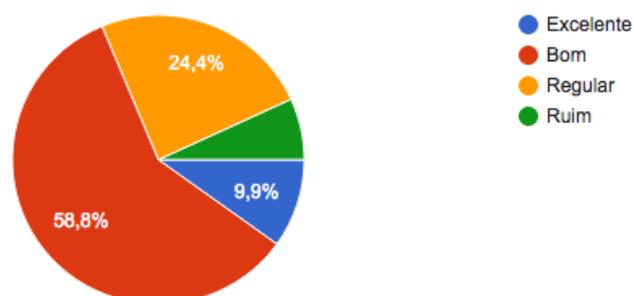
32. Como você avalia o suporte oferecido pela Universidade no uso das plataformas digitais?

131 respostas



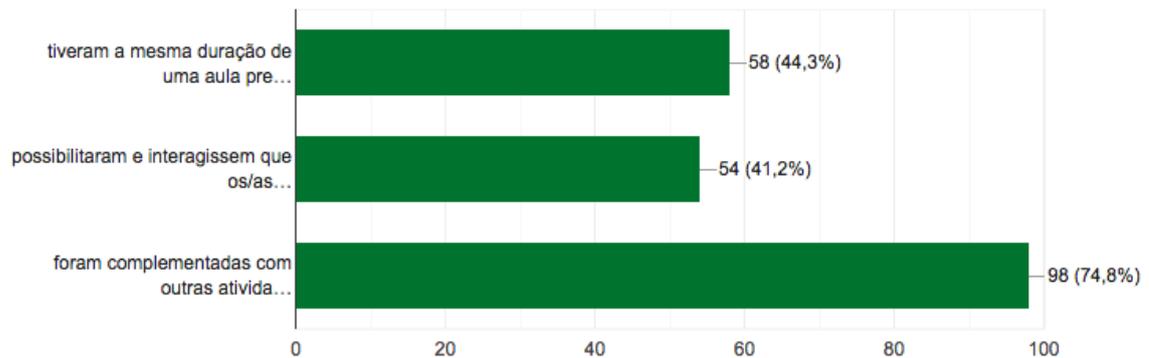
33. Como você avalia a qualidade das plataformas online (Moodle, Google Classroom, etc) disponíveis para uso durante a pandemia?

131 respostas



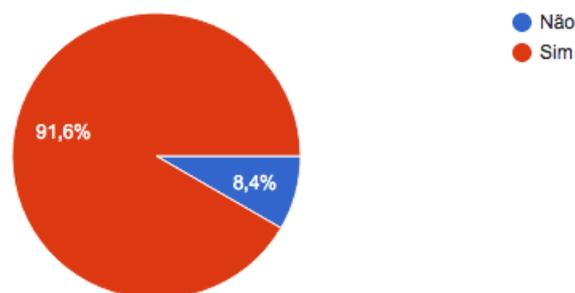
34. Sobre o ensino durante o RAE, suas aulas (). (Você pode selecionar mais de uma opção)

131 respostas



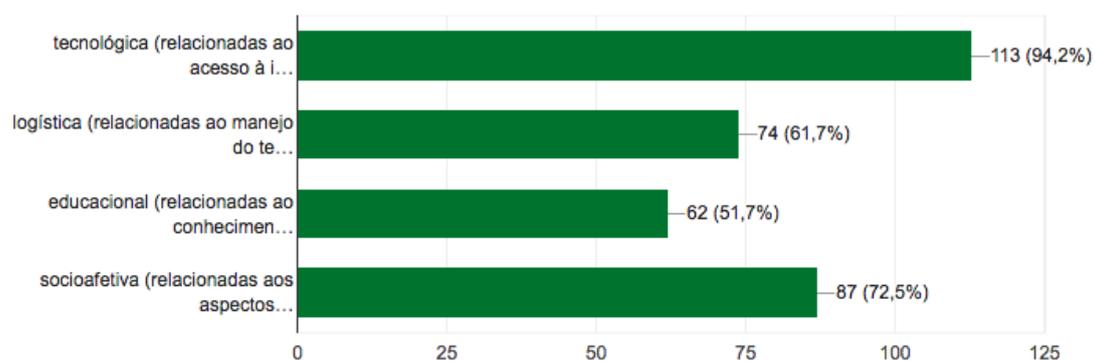
35. (a) - Você identificou dificuldades relatadas pelos/as estudantes nas atividades remotas de ensino?

131 respostas



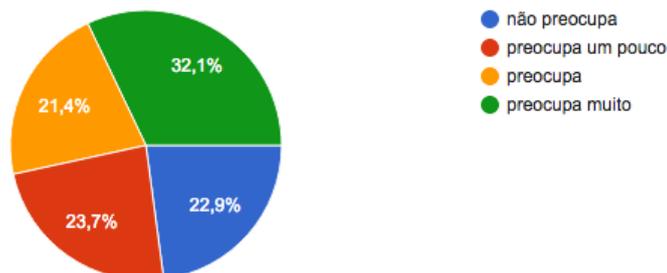
35. (b) Se "Sim", como as classificaria quanto a sua natureza de dificuldade? (Pode marcar mais de uma opção)

120 respostas



37. O uso de ferramentas de empresas privadas no ensino remoto da Universidade pública ().

131 respostas



7. IMPACTOS INSTITUCIONAIS DO USO DE NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE

Na pesquisa, (pergunta 35, item “a”) os/as docentes foram questionados/as do seguinte modo: você identificou dificuldades relatadas pelos estudantes nas atividades remotas de ensino? Os dados para esta pergunta apontam que 91,6% dos docentes responderam afirmativamente para dificuldades identificadas juntos aos discentes, enquanto que apenas 8,4% responderam que não encontraram dificuldades.

No item “b” da questão 35, sobre a natureza das dificuldades encontradas, havia a possibilidade de marcar mais de uma alternativa e foram obtidas 120 respostas ao todo. Os resultados apontam que 94% dos docentes responderam que as dificuldades entre os discentes eram de ordem tecnológica, ou seja, relacionadas ao acesso à internet, disponibilidade de equipamentos, conhecimentos de plataformas educativas etc.; 61,7% apresentaram dificuldades de ordem logística, ou seja, relacionadas ao manejo do tempo, aos horários de aula, aos espaços físicos adequados para trabalhar à distância, à comunicação com as instâncias institucionais, às questões financeiras e de sobrevivência etc.; 51,7% apresentaram dificuldades de ordem educacional, ou seja, relacionadas ao conhecimento de ferramentas de educação à distância, às formas de participação nas interações à distância, às possibilidades de avaliação informal do desempenho dos discentes no período, etc.; e 72,5% tiveram dificuldades de ordem socioafetiva, relacionadas aos aspectos emocionais e de saúde que envolvem os discentes, tais como cansaço, frustração, ansiedade, tristeza, insegurança, etc., frente ao desenvolvimento das aulas remotas.

A questão 37 tratava do uso de ferramentas de empresas privadas no ensino remoto da universidade pública. Seguiram-se as seguintes repostas com quatro alternativas: 32,1% responderam que “preocupa muito”; 23,7% responderam que “preocupa um pouco”; 22,9% escolheram a opção “não preocupa”, enquanto que 21,4% responderam com a opção “preocupa”.

A questão 38 também se dividiu em dois questionamentos: o primeiro item (a) questionava “em sua opinião houve impactos nas atividades de ensino na universidade devido ao crescimento do uso das tecnologias digitais? 90,8% responderam que sim e 9,2% dos questionados responderam que não.

No item “b” da mesma questão, foi solicitado que os docentes avaliassem, dentro de uma escala de 1 (nenhuma preocupação) a 4 (muita preocupação) nove aspectos apontados acerca dos impactos ocorridos na Universidade devido ao crescimento do uso das tecnologias digitais. Todos os aspectos foram classificados majoritariamente dentro do nível 4, constituindo elementos de maior preocupação, sendo que uns mais do que outros. A seguir, elencamos tais aspectos segundo a ordem de preocupação assinalada pelos docentes:

- 1º) Sobrecarga de trabalho (aspecto assinalado 71x dentro do nível 4);
- 2º) Segurança e privacidade de dados (aspecto assinalado 60x dentro do nível 4);
- 3º) Privatização de recursos educacionais (aspecto assinalado 55x dentro do nível 4);
- 4º) Outras doenças profissionais (aspecto assinalado 53x dentro do nível 4 e 36x dentro do nível 3);
- 5º) Apoio inadequado da universidade (aspecto assinalado 51x dentro do nível 4 e 28x dentro do nível 3);
- 6º) Privatização dos serviços de TI (aspecto assinalado 42x dentro do nível 4);
- 7º) Vigilância das atividades de ensino (aspecto assinalado 41x dentro do nível 4);
- 8º) Impactos financeiros (aspecto assinalado 39x dentro do nível 4 e 27x dentro do nível 3);
- 9º) Padronização das atividades de ensino (aspecto assinalado 39x dentro do nível 4 e 25x dentro do nível 3).

Assim, concluímos que os impactos do uso de tecnologias digitais que mais preocupam os docentes são a sobrecarga de trabalho, a segurança e a privacidade de dados e privatização de recursos educacionais.

A questão 39 tinha o seguinte enunciado: “você considera que a Universidade poderia ganhar em qualidade de ensino e pesquisa caso adotasse a educação à distância ou ensino híbrido, com até 40% da carga horária total dos cursos presenciais de graduação e/ou pós-graduação, conforme Portaria MEC nº 2117/2019?” A maioria dos 131 docentes, ou seja, 47,3% responderam “não”, 34,4% respondeu “em partes” e 18,3% respondeu que “sim”.

A questão 40 indagava, em seu item “a”, se os docentes haviam tido dificuldades na prática do ensino remoto, ao que a grande maioria (91,6%) revelou quem sim e apenas 11 docentes, ou seja, 8,4% assumiu não ter tido dificuldades. No item “b”, solicitava-se que fossem delimitadas as dificuldades encontradas, podendo ser assinaladas mais de uma alternativa em uma escala de 1 “nenhuma preocupação” a 4 “muita preocupação”. Todos os fatores foram assinalados pela maioria dos docentes dentro da escala 4 e 3. Em ordem, os fatores apontados como de maior preocupação por parte dos docentes foram:

- 1º) Tecnológicas (relacionadas ao acesso à internet, disponibilidade de equipamentos, conhecimentos de plataformas educativas etc.): esse aspecto foi assinalado 58 vezes como aspecto muito preocupante;
- 2º) Socioafetivas (relacionadas aos aspectos emocionais e de saúde que envolvem os docentes, tais como cansaço, frustração, ansiedade, tristeza etc.), assinalado 55 vezes;
- 3º) Educacionais (relacionadas ao conhecimento de ferramentas de educação à distância, participação nas interações à distância, possibilidades de avaliação informal do desempenho dos discentes no período, etc), assinalado 51 vezes;
- 4º) Logísticas (relacionadas ao manejo do tempo de trabalho e dos horários de aula, aos espaços físicos adequados para trabalhar à distância, à comunicação com as instâncias institucionais, às demandas domésticas, etc), assinalado 50 vezes dentro do nível 4 de maior preocupação.

Por sua vez, na questão 41 estabelecia-se uma gradação entre 1 “menos importante” até 4 “mais importante” para os seguintes aspectos que apresentamos em ordem de importância:

- 1º) “Desenvolvimento de metodologias de trabalho na disciplina”, opção assinalada 79 vezes como elemento mais importante (nível 4);

2º) “Interlocução mais intensa com os estudantes para motivá-los a continuar o curso”, opção assinalada 69 vezes como mais importante;

3º) “Inventividade na apresentação dos conteúdos”, assinalada 60 vezes dentro do nível 4, e 45 vezes dentro do nível 3;

4º) “Adaptação de conteúdos presenciais para o ensino remoto”, assinalada 60 vezes dentro do nível 4, e 37 vezes dentro do nível 3;

5º) “Objetividade na apresentação dos conteúdos”, assinalada 51 vezes dentro do nível 4, e 45 vezes dentro do nível 3 na escala de importância.

7.1 Análise dos depoimentos da Seção 7

A questão 42 enunciava aos docentes que poderiam fazer comentários que julgassem necessários e/ou relevantes sobre outras dificuldades e outros aprendizados diante do ensino remoto. Para a questão, foram dadas 45 respostas. Procedemos a uma categorização geral e muito esquemática de tais respostas.

As respostas podem ser categorizadas em quatro dimensões: a) as que rejeitam o modelo do RAE e do ensino remoto como um todo, denunciando suas contradições originárias; b) Docentes que argumentam de forma mais geral sobre questões da materialidade do ensino remoto; c) pontos positivos; e d) pontos negativos.

No primeiro grupo de respostas, é possível identificar a precarização do ensino como o fator mais determinante, o que se apresenta em respostas como a rejeição de tudo o que tenha relação com o ensino remoto, com a ausência de condições objetivas para a sua efetivação e como uma desconfiguração da atividade docente. Estas posições também têm repercussão, de modo mais detalhado e específico, entre os pontos negativos apresentados pelos docentes.

Algumas respostas são elucidativas quanto a esta questão, como por exemplo:

Um trabalho feito nas atuais condições, sem pactuações coletivas, não pode favorecer autonomia e, conseqüentemente, condições para que o exercício da nossa atividade na universidade pública se efetive ampliando o poder de agir e, então, interferir no que adocece, uma vez que não pactuar coletivamente é tomar um caminho que vai na contramão do que nos marca como viventes trabalhadores (Respondente).

Outro/a respondente destaca:

Não é o caso de chamar a atenção de um ou outro aspecto do ensino remoto. Trata-se de entender a sua lógica perversa de funcionamento como um todo, que deve ser criticada e rejeitada em bloco (Respondente).

Dentre os/as professores/as que trazem argumentos mais gerais sobre todo o processo, destacamos aqueles/as que tratam da motivação como ponto de influência decisivo para o sucesso e o fracasso no processo de ensino-aprendizagem, a inevitabilidade do ensino remoto frente à pandemia e as condições de oferta como verdadeira definidora da qualidade do processo e não o caráter remoto ou presencial. As falas abaixo sinalizam para estes argumentos:

Acredito que a motivação do professor é fundamental na construção com os alunos. Deixar claro para os alunos que entende as dificuldades e que todos precisam se ajudar diante do contexto no qual estamos vivendo. O comprometimento, motivação, assiduidade e pontualidade dos docentes são fundamentais aos alunos. Aquele velho ensinamento de que o melhor professor é o exemplo (Respondente).

No nosso contexto de IES pública, eu encaro o ensino remoto como uma necessidade temporária, importante para manter os estudantes minimamente ativos no período de pandemia, mesmo que com algum nível de precariedade (Respondente).

A modalidade de ensino - presencial ou a distância - não responde por si pela qualidade do processo educacional. As condições dessa oferta, sim (Respondente).

Os pontos positivos apresentados foram: utilização de sites como o Youtube nas aulas, as boas condições de conexão entre alunos e professores, a possibilidade de uma experiência de ensino criativa, o crescimento profissional com a experiência do RAE, a possibilidade de utilização das TIC no processo de ensino-aprendizagem, Gravação de videoaulas, avaliação da aprendizagem via Google, a assincronia como possibilidade do estudante assistir ao conteúdo a qualquer instante e a antecipação de tendências remotas que se apresentarão no futuro. De acordo com os respondentes: “Positivo no sentido de viabilizar aos alunos o estudo de vídeo aulas a qualquer instante” (Respondente), “o uso de ferramentas como Youtube”, ainda que quase sempre esses destaques venham também acompanhados de críticas como “falta de qualificação em tecnologias” (Respondente).

Os pontos negativos são consideravelmente mais abundantes e variados e, em dados momentos, estão relacionados à recusa integral do modelo de educação remota por parte dos docentes e pelas dificuldades apresentadas pelos estudantes no decorrer do semestre extraordinário. Podem ser sumariado da seguinte forma: ausência de disponibilidade de equipamentos tecnológicos por parte da universidade, ausência de suporte universitário durante

a execução do RAE, dificuldade de participação dos discentes (câmeras fechadas, conexão ruim, dificuldades técnicas, dentre outros), sobrecarga do trabalho docente, negação dos momentos remotos enquanto aulas propriamente ditas, procedimentos antidemocráticos na implementação do RAE, falta de formação para os professores, ausência de plataforma virtual institucional adequada, dificuldades de leitura dos textos em PDF e de aprendizagem teórica pelos alunos, inviabilidade do processo avaliativo junto aos alunos, carência do caráter presencial da mediação docente, bibliotecas virtuais precarizadas e dificuldades socioafetivas.

Algumas falas dos respondentes nos ajudam a visualizar melhor estes elementos: “Apresenta algumas limitações, uma vez que não possuímos uma plataforma institucional mais adequada”, “Pouca reciprocidade dos discentes”, “Entre os vários aspectos negativos enfrentados no ensino remoto destacaria a falta de interação com os estudantes, uma vez que muitos nunca ligaram a câmera alegando que a internet era fraca”, “A avaliação é um grande gargalo. Eu não elaborei muitas atividades, mas vi colegas sobrecarregados com textos e mais textos para corrigir. São escassos os recursos para avaliação”, “Dificuldade dos estudantes com equipamentos e acessibilidade foi o que mais dificultou no processo” e “As dificuldades foram tecnológicas e socioafetivas, os docentes e discentes estarem submetidos a pandemia” (Respondentes).

Nuvem de palavras 4 – Respostas dos comentários sobre dificuldades e aprendizados diante do ensino remoto



8. EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À CONTINUIDADE DO SEMESTRE/ANO LETIVO EM CONTEXTO DE PANDEMIA

A questão 43 perguntava sobre o que os docentes esperavam da administração da Universidade em termos de apoio à continuidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão em contexto remoto. Como poderiam assinalar mais de uma alternativa, grande parte dos docentes apontou a necessidade de “Assessoria técnica e pedagógica” (72,8%), ficando em segundo lugar a expectativa de “Avaliação dos **impactos pedagógicos** da migração para o ensino remoto” (71,8%); em terceiro lugar, apontou-se a importância da “Avaliação dos **impactos sociais** da migração para o ensino remoto” (61,1%) e a expectativa de “Apoio pedagógico” (56,5%) ficou em quarto lugar entre as mais assinaladas pelos docentes.

As demais respostas assinaladas livremente em um campo aberto apontam, principalmente, a expectativa e necessidade de que a instituição garanta condições efetivas de trabalho aos docentes e de estudo para os discentes, por meio do suporte material e financeiro à realização das atividades remotas, o que pode ser exemplificado por meio da seguinte afirmação de um dos respondentes: “Que ofereça condições efetivas, equipamentos e internet para professores e estudantes, e que pague as bolsas em dia”. Outro aspecto que se destaca é a expectativa de apoio socioafetivo, melhor “clareza e uniformidade quantos às decisões e informações administrativas”, entre outros aspectos que podem ser observados na figura da página 48.

As questões 44 e 45 buscavam compreender o grau de satisfação dos docentes com as decisões tomadas pela administração da Universidade para a continuidade das atividades letivas. A grande maioria avaliou como regular (42,1%) os encaminhamentos tomados pela Administração da UFCG para o planejamento do semestre 2020.1, outros 22,9% como péssimo e 22,1% como ruim. Assim, se somados, péssimo e ruim superam o percentual dos que avaliam como regular. Apenas 13,8% dos docentes avaliam que tais decisões foram boas ou excelentes.

Sobre a proposta de compactar três semestres no mesmo ano (2021), a maioria dos docentes avaliou como uma decisão ruim (29,8%) ou péssima (28,2%), percentual que ultrapassa aquele relativo aos que avaliam essa proposta como regular (21,4%), boa (18,3%) ou excelente (2,3%).

A questão 46 abria aos docentes a possibilidade de fazer outros comentários sobre situações vivenciadas no contexto de trabalho remoto em meio ao contexto de excepcionalidade, além de projetar expectativas para o ano de 2021.

Como é da própria natureza da questão a possibilidade aberta de respostas e projeções, os resultados obtidos com esta questão foram bastante variados, mas também apontaram para elementos comuns. Algumas regularidades podem ser identificadas nas respostas dos docentes que participaram da pesquisa, as principais são: a incompetência da gestão da UFCG em relação ao período extraordinário, presente na fala de cinco respondentes (o que se expressa desde a falta de democracia e de comunicação com os diferentes setores da universidade até a falta de informações, indefinições, carência de apoio, dentre outros); a ausência de apoio e de garantias objetivas da universidade para a realização do semestre extraordinário, presente na fala de três respondentes; a impossibilidade de realização de três semestres no ano de 2021, presente na fala de três respondentes; a possibilidade de realização efetiva desses semestres, presente na fala de dois respondentes; falta de apoio ao segmento estudantil, presente na fala de dois respondentes; a necessidade de adaptação dos espaços da universidade, como salas de aula e laboratórios, presente na fala de dois respondentes; e a importância de considerar as desigualdades sociais e o modo de produção vigente para a reflexão universitária (presente na fala de dois respondentes). Sumariamos falas dos respondentes sobre cada um desses blocos temáticos, como se segue adiante:

Vai ser um ano perdido em termo de aprendizado para os discentes. Estes serão os mais prejudicados devido a pressa para se cumprir o conteúdo. Novamente observa-se a priorização da quantidade e a qualidade ficando em segundo plano. Além do mais, os docentes estão sendo obrigados a lecionarem 3 semestres em um ano sem ter a menor culpa. Mas, como estamos em um período onde as ordens vêm de cima para baixo. Teremos que cumprir (Respondente).

Quero relatar o total despreparo e descaso dessa gestão da UFCG para administrar a situação do ensino/pesquisa e extensão durante a pandemia. a demora em tomar decisões, a pressão em aprovar o RAE de qualquer maneira, ainda que tenha sido sinalizado, pela imensa maioria das unidades acadêmicas a não concordância com o RAE tal como ele foi proposto pela PRE e aprovado e regulamentado pela câmara superior de ensino. Além disso, quero reportar a absoluta falta de transparência da gestão com esse processo, dentre o que, quero sublinhar, a inexistência de informações sobre os trabalhos da "comissão de biossegurança" da instituição, o que nos deixa ainda mais inseguros quanto aos rumos a serem tomados em 2021. A lentidão, falta de informações precisas, aliás, continuam. Não temos a menor noção dos rumos que serão tomados (Respondente).

Das duas disciplinas que ministrei: uma teve 33,3% de abandono; e, a outra teve 63,1%. São dados preocupantes. Evidenciam a falta de assistência da instituição em relação aos nossos estudantes. Sem eles não existiremos. E esse debate tem que ser feito, e as críticas devem ser razão para se tentar mobilizar a comunidade acadêmica e ganhar apoio dos segmentos (Respondente).

Outras respostas foram dadas à questão, sendo elas: a inviabilidade do retorno presencial pela ausência de garantias de infraestrutura para os estudantes, o argumento de que não foi realizada nenhuma greve para contrapor os três semestres a serem desenvolvidos no ano de 2021, os procedimentos antidemocráticos (com a expressão “de cima para baixo” sendo recorrentemente utilizada pelos respondentes), a necessidade de formação dos professores para lidar com as novas tecnologias, a precariedade da qualidade do ensino remoto, os gastos dos docentes com a operacionalização do semestre, a necessidade de criação de mais espaços de diálogos, defesa do modelo assíncrono de ensino, necessidade do combate ao ensino remoto e constatação da precariedade das formas de avaliação no ensino remoto. Sumariamos falas dos respondentes sobre cada um desses blocos temáticos, como se segue adiante:

A universidade deveria estar sendo adaptada para a nova situação. As salas de aula, laboratórios, bibliotecas e demais espaços, deveriam ser reconfigurados (ampliação de suas portas e janelas, arejamento natural, distanciamento dos assentos, higienização constante...) e acessos pessoais guiados por protocolos de procedimentos de segurança (Respondente).

A criação de espaços dialógicos e de embate de ideias é uma potente estratégia, uma vez que submetidas a uma análise coletiva, algumas questões sobre o trabalho docente nas universidades poderão emergir (Respondente).

Nuvem de palavras 5 – Respostas sobre situações vivenciadas no contexto de trabalho remoto em meio ao contexto de excepcionalidade

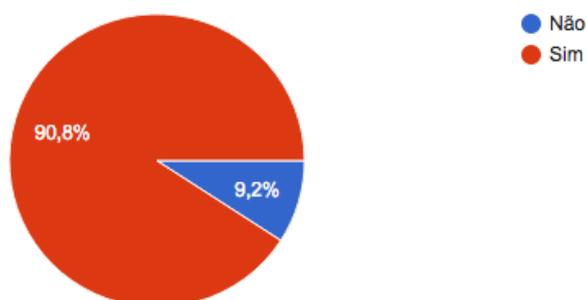


FONTE: www.wordclouds.com

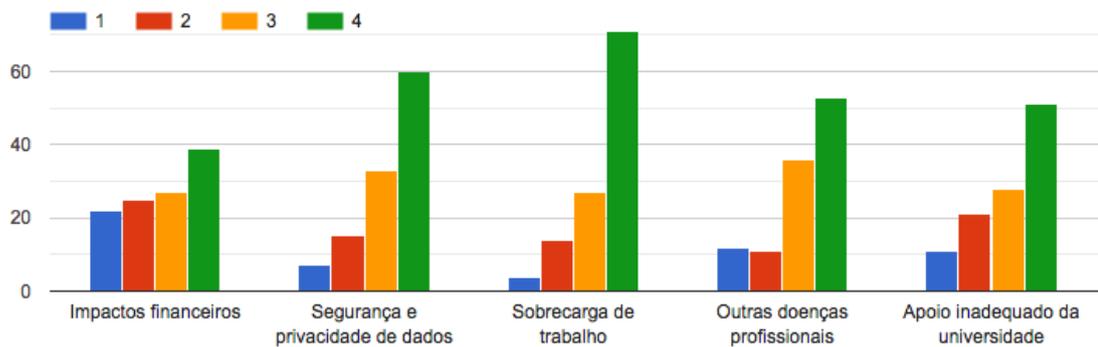
8.1. Figuras das Seções 7 e 8.

38. (a) - Em sua opinião, houve impactos nas atividades de ensino na Universidade devido ao crescimento do uso das tecnologias digitais ?

131 respostas

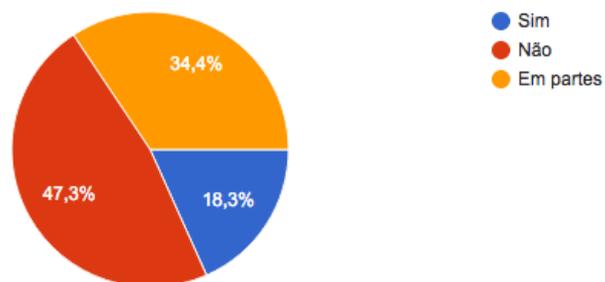


38. (b) - Se "Sim", avalie os seguintes aspectos usando uma escala de 1 a 4, onde 1 significa "nenhuma preocupação" e 4 "muita preocupação". (Pode marcar mais de uma opção)



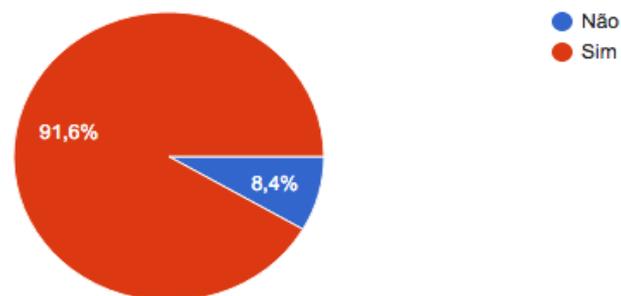
39. Você considera que a Universidade poderia ganhar em qualidade de ensino e pesquisa caso adotasse educação à distância ou ensino híbrido, com até 40% da carga horária total dos cursos presenciais de graduação e/ou pós-graduação, conforme Portaria MEC nº 2117/2019?

131 respostas

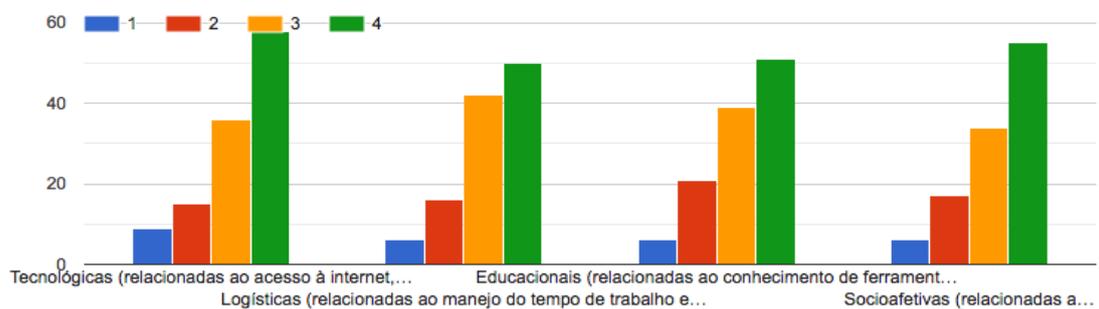


40. Você avalia que houve dificuldades na prática de ensino remoto ?

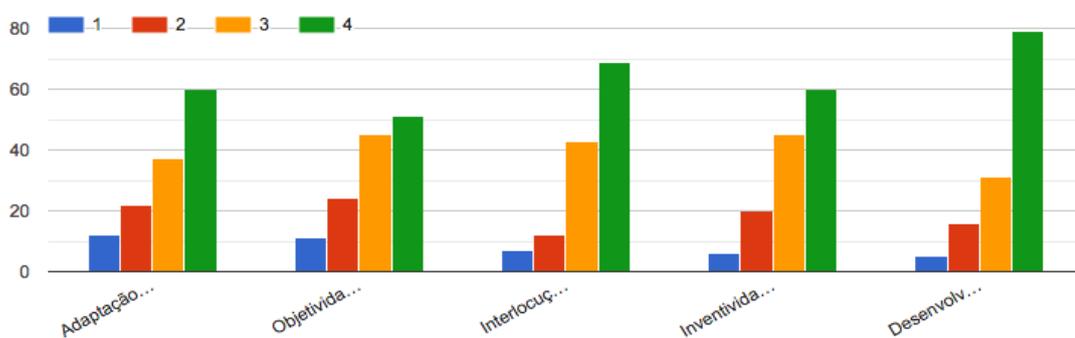
131 respostas



40. (b) Se "Sim", avalie os seguintes aspectos usando uma escala de 1 a 4, onde 1 é "nenhuma preocupação" e 4 "muita preocupação". (Pode marcar mais de uma opção)

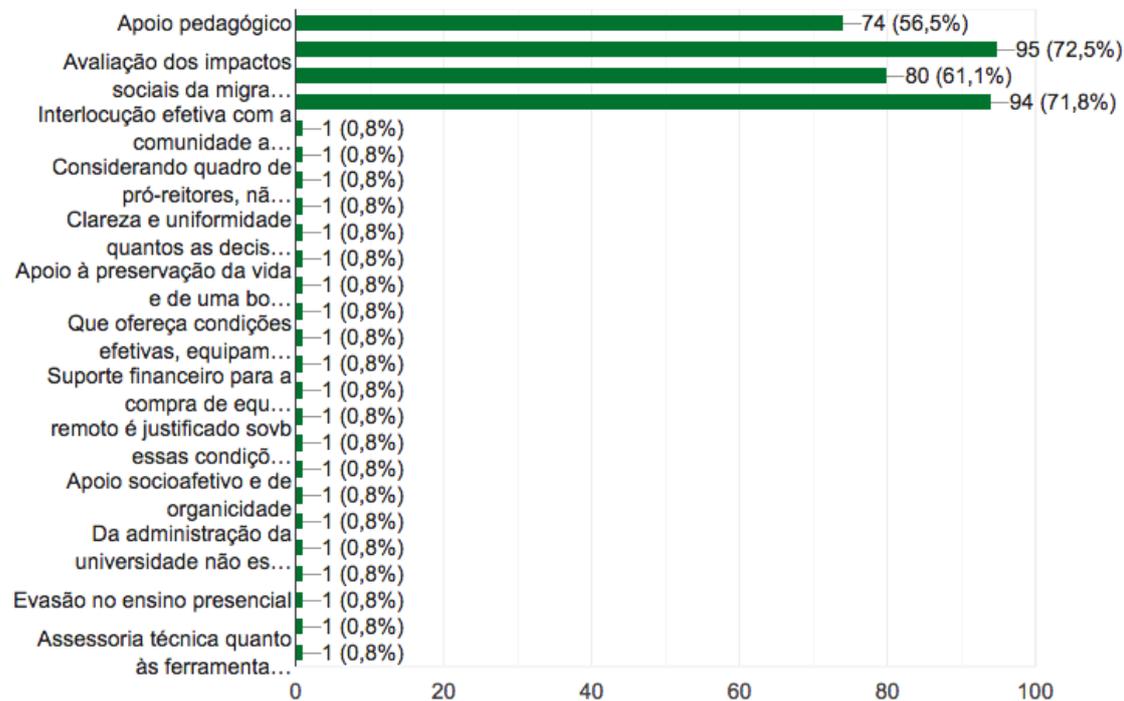


41. Considerando sua experiência com o ensino remoto, produza uma gradação para cada um dos aspectos abaixo (1 = menos importante; 4 = mais importante).



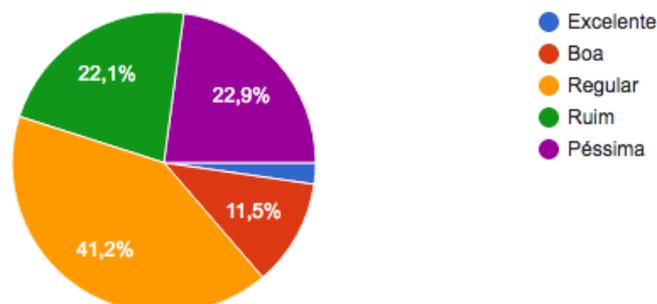
43. O que você espera da administração da Universidade em termos de apoio à continuidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão em contexto remoto? (Você pode marcar mais de uma alternativa).

131 respostas



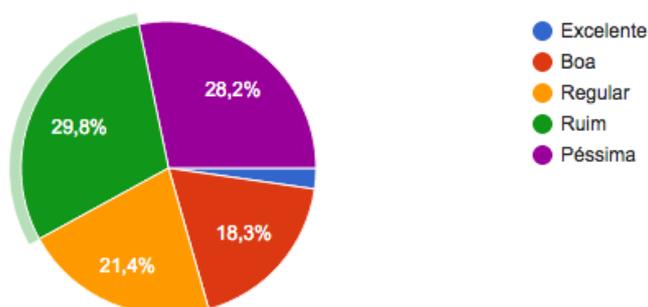
44. Como você avalia os encaminhamentos da administração da UFCG para planejamento do semestre 2020.1?

131 respostas



45. Como você avalia a proposta de compactar três semestres no mesmo ano (2021), tal como está sendo proposto pela UFCG ?

131 respostas



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, através desta pesquisa junto aos docentes da UFCG, filiados e não filiados na ADUFCG, os reflexos da pandemia e do distanciamento social no cotidiano de trabalho remoto, especialmente durante o período do RAE (2020.3), onde recebemos uma grande diversificação de respostas por parte dos/as docentes, uma vez que as opiniões e problemas variam de acordo com as situações específicas da realidade vivenciada pelos/as mesmos/as.

Entretanto, verificamos uma predominância de respostas de que o trabalho remoto/*home office* levou a uma intensificação das jornadas de trabalho, bem como ao aumento de problemas relacionados à saúde física e mental dos/as docentes. Diante do medo de contaminação pelo coronavírus, bem como diante das incertezas para lidar com o ambiente virtual das plataformas digitais, pela falta de interação dos estudantes durante os encontros (aulas), por problemas de conexão com a internet (mais fortemente verificado entre os discentes), vimos que essas situações vêm levando a uma intensificação de problemas relacionados ao cansaço, esgotamento, ansiedade e estresses. Além disso, os/as docentes relataram também o aumento de dores na coluna, no pescoço, no quadril ou nas mãos e braços (LER), problemas nos olhos também foram citados com frequência devido ao excesso de tempo trabalhando sentado diante do computador.

Observamos também que a intensificação do trabalho vem atingindo de forma mais acentuada as mulheres, uma vez que, historicamente, são designadas para elas as atividades relacionadas aos cuidados dos filhos e demais familiares, bem como os cuidados da limpeza da casa, ampliando, assim, as suas jornadas de trabalho, uma vez que as atividades produtivas se

misturam com as atividades de reprodução social da família, resultando num aumento do esgotamento físico e mental.

Constatamos ainda que a pandemia aprofundou problemas relacionados às condições de trabalho docente, devido à falta de uma infraestrutura adequada para o trabalho, bem como pelo fato de os salários estarem defasados há anos⁵, algo que foi agravado após a aprovação da Emenda Constitucional - EC 95 (Teto dos Gastos), no ano de 2016, e que provocou o congelamento de investimentos no serviço público por vinte anos. Ou seja, vimos nos depoimentos que a pandemia e o distanciamento social agravaram significativamente problemas que os/as docentes universitários já vinham enfrentando, antes mesmo da chegada da pandemia, pela cobrança de produtividade imposta nas instituições de ensino desde os anos 1990, bem como pela precarização das condições de trabalho vivenciada nos últimos tempos, pelo desmonte do Estado, com o controle e enxugamento dos gastos públicos e pelos retrocessos nos direitos sociais provocados pelas políticas neoliberais. Além disso, cabe destacar a desvalorização da ciência e do trabalho docente e do ensino público, por parte do atual governo federal e mesmo por parte de algumas chefias internas, leva os/as docentes a se sentirem desmotivados/as. A falta de reconhecimento profissional é um aspecto agravante das condições de trabalho docente, com reflexos diretos na saúde, como é o caso do cansaço, esgotamento, depressão, síndromes do pânico, do medo, e síndrome de *burnout* (esgotamento profissional), entre outros problemas.

Contudo, apesar de todos os problemas relatados, foi possível verificar forte capacidade de resiliência por parte de muitos dos/as respondentes. A pesquisa mostra que os/as docentes demonstram forte engajamento e preocupação com a Instituição, com a Educação e com o futuro do país, e que o momento vem exigindo dos/as docentes outras habilidades, as quais impõem novos desafios diante das incertezas.

As últimas questões do instrumento revelaram algumas expectativas importantes da comunidade docente em termos de apoio à continuidade das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão em contexto remoto. A maioria espera que a Instituição ofereça assessoria técnica e pedagógica adequada e que realize uma séria avaliação dos impactos sociais e pedagógicos da migração para o ensino remoto.

⁵ O último reajuste salarial (não aumento) foi conquistado pela categoria após a greve de 2015, ainda no governo Dilma, e o mesmo foi dividido em 3 parcelas anuais, sendo que a última foi paga em 2018.

Por fim, cabe salientar que a pesquisa aponta para a necessidade de dar seguimento ao acompanhamento e à avaliação das condições de trabalho e seus reflexos na saúde dos/as docentes, para que se possa compreender melhor a realidade concreta vivenciada em tempos de pandemia e distanciamento social, com todos seus dilemas. Com isso, destacamos a urgência de que a atual Administração da UFCG acompanhe de perto a situação que vem sendo enfrentada por toda a comunidade acadêmica (docentes, discentes e técnicos administrativos), disponibilizando toda assistência necessária, com apoio pedagógico, tecnológico, médico, psicológico, minimizando as perdas e retrocessos educacionais intensificados neste momento de pandemia, de trabalho remoto e de distanciamento social. A pesquisa aponta ainda para a necessidade de abertura de espaços para diálogos que possam contribuir para trocas de experiências, bem como para o desenvolvimento de laços de amizade e solidariedade, entre os/as docentes da UFCG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBETA, Pedro Alberto. *Estatísticas aplicada às Ciências Sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

RELATÓRIO ADUNICAMP. Condições de trabalho remoto: Docente na Unicamp no contexto de pandemia de COVID-19, Campinas, 2020.

RELATÓRIO técnico-científico da pesquisa: o trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia Covid-19 (recurso eletrônico). Maria Aparecida Bridi (Coordenadora). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade, 2020.